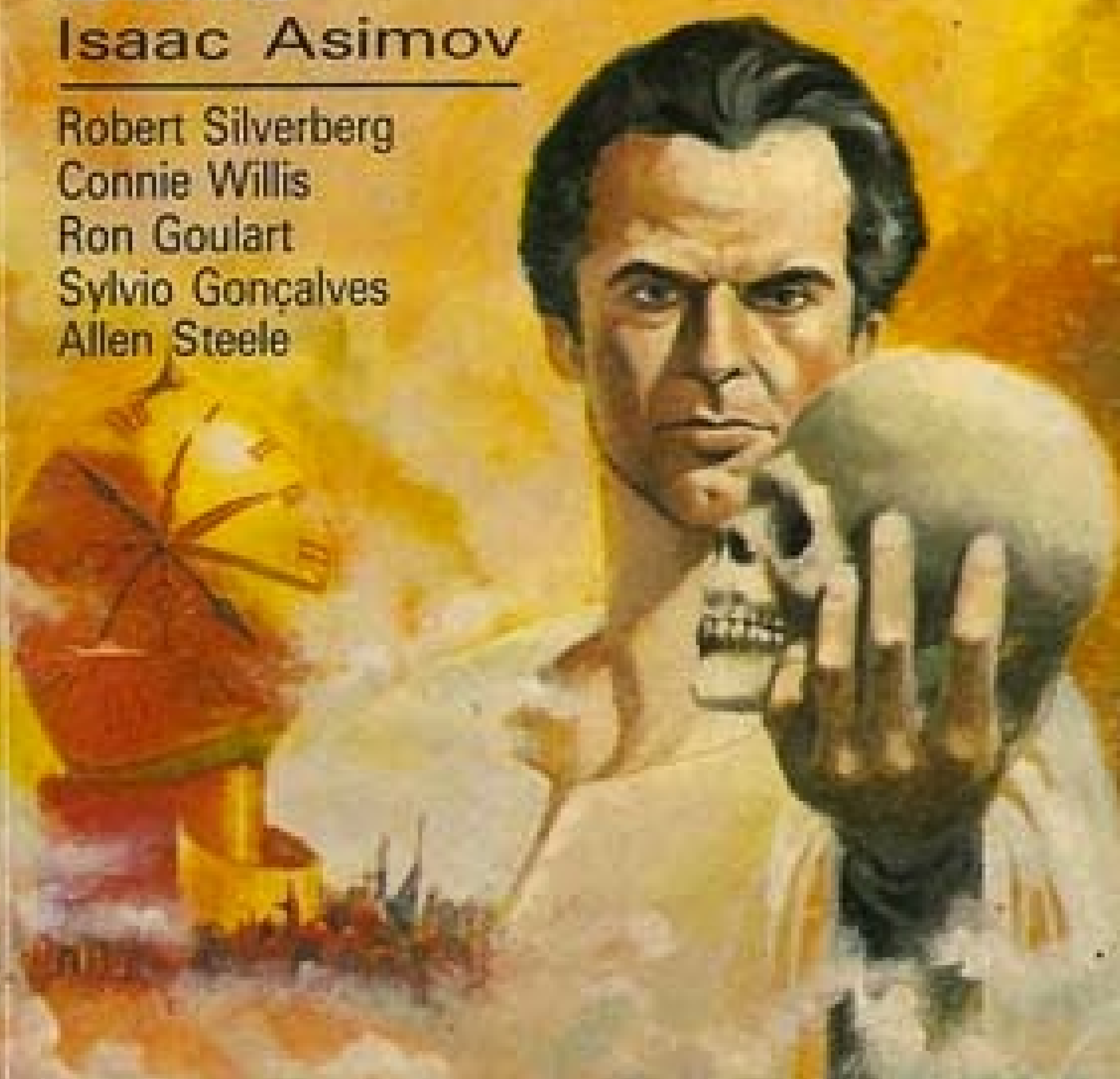
COM O MELHOR DE analog

ISAAC ASIMOV Magazine 22

Mãe Terra & Outros Contos

OURO
Isaac Asimov

Robert Silverberg
Connie Willis
Ron Goulart
Sylvio Gonçalves
Allen Steele



Mãe Terra e outros Contos

Isaac Asimov



A primeira vez que apareceu o planeta Aurora, foi no conto Mãe - Terra, escrito em 1948. Um trecho do conto, logo no inicio, diz Asimov:

“Há o mundo de Aurora, por exemplo, a três parsecs da Terra. Foi o primeiro planeta colonizado fora do sistema solar, e representou a aurora das viagens interestelares. Daí o seu nome.”

Mãe - Terra faz parte da coleção Early Asimov, publicada no Brasil pela Hemus, em 1978, com o nome de O Futuro Começou — Tradução de Norberto de Paula Lima, Danusa Scarton Rabello Alves e Valéria Fernandes.

Mãe-Terra

Isaac Asimov

Mas você tem certeza? Tem certeza de que até mesmo um historiador profissional sempre sabe distinguir uma vitória de uma derrota?

Gustav Stein, que fez esta gozação, não era historiador. Era um fisiologista.

Mas seu companheiro era um historiador, e aceitou a gentil investida com um sorriso próprio.

O apartamento de Stein era, para a Terra, bastante luxuoso.

Faltava-lhe a privacidade vazia dos Mundos Cósmicos, é claro, visto que, de sua

janela, estendia-se um fenômeno que pertencia exclusivamente ao seu planeta natal — a cidade. Uma grande cidade, cheia de gente, ombros se tocando, suores se misturando…

Tampouco era o apartamento de Stein aparelhado como poderia ser. Faltava-lhe a cota mais elementar de robôs positrônicos. Em resumo, faltava-lhe a dignidade da autosuficiência, e como todas as coisas na Terra, era simplesmente parte de uma comunidade, uma unidade pendurada de um conjunto de apartamentos, uma porção de uma multidão.

Mas Stein era um terráqueo de nascimento e estava acostumado com ela. E, afinal de contas, pelos padrões da Terra, o apartamento ainda era luxuoso.

Era através das mesmas janelas que se podiam ver as estrelas e, entre elas, os Mundos Cósmicos, onde não havia cidades, só jardins; onde os gramados eram camadas de esmeralda, onde todos os seres humanos eram reis, e onde todos os bons terráqueos esperavam, ansiosamente e inutilmente, ir algum dia.

Com exceção de alguns que conheciam melhor — como Gustav Stein.

As noites de sextas-feiras com Edward Field pertenciam àquele tipo de ritual que chega com a idade e com a vida tranqüila. Quebrava, agradavelmente, a monotonia da semana dos dois solteirões, e lhes dava um motivo inócuo para se demorarem no licor e nas estrelas. Afastava-os da crueldade da vida, e, mais do que tudo, dava-lhes uma oportunidade de conversarem.

Field, especialmente, sendo um conferencista, erudito e homem de poucas posses, citava os capítulos e frases de sua história, ainda incompleta, do Império Terrestre.

— Estou esperando o último ato — explicou. — Depois, poderei intitulá-lo o “Declínio e Queda do Império” e publicá-lo.

— Você deve achar, então, que o último ato virá logo.

— Num certo sentido, já veio. Apenas é melhor esperar até que todos reconheçam este fato. Veja, há três etapas quando um império, um sistema econômico ou uma instituição social decaem, seu cético…

Field fez uma pausa para dar maior efeito e esperou pacientemente Stein dizer: — E quais são?

— Primeiro — Field ergueu o dedo indicador — há uma etapa onde aparece um pontinho indicando um caminho inexorável para o fim. Não pode ser visto nem reconhecido até o fim chegar, quando o pontinho original torna-se visível aos que têm uma percepção menor.

— E você pode me dizer que pontinho é esse?

— Acho que sim, visto que tive a vantagem de um século e meio de percepção tardia. Surgiu quando a colônia do setor sírio, Aurora, obteve, pela primeira vez, permissão do governo central da Terra para introduzir robôs positrônicos em sua vida comunitária. Obviamente, quando se olha para trás, estava aberto o caminho para o desenvolvimento de uma sociedade totalmente mecanizada baseada no trabalho de robôs, e não de seres humanos. E esta mecanização é que foi e será o fator decisivo na luta entre os Mundos Cósmicos e a Terra.

— E? — murmurou o fisiologista. — Como vocês, historiadores, são infernalmente espertos. O que é e onde foi a segunda vez que o império caiu?

— O segundo ponto no tempo — e Field levantou o dedo médio — chega quando é preciso fazer um letreiro tão grande e claro que possa ser visto sem a ajuda da.

perspectiva. E este ponto também já passou, com o primeiro estabelecimento de uma cota de imigração pelos Mundos Cósmicos contra a Terra. O fato de que a Terra viu-se incapaz de impedir uma ação tão claramente prejudicial a ela própria foi um grito para todos ouvirem, e isto foi há cinqüenta anos atrás.

— Cada vez melhor. E o terceiro ponto?

— O terceiro ponto? — Ergueu o anular. — Este é o menos importante. Este é quando o letreiro torna-se uma parede enorme com um “Fim” rabiscado sobre ela. A única condição para se saber que o fim chegou. então, não é nem a perspectiva nem o treinamento, mas, meramente, a habilidade de se ver televisão.

— Acho, então, que o terceiro ponto ainda não veio.

— Obviamente que não, senão você não precisaria me perguntar.

— Todavia, pode vir, brevemente; por exemplo se houver uma guerra.

— Você acredita que haverá?

Field evitou uma afirmação categórica. — Os tempos estão incertos, e há muita emoção fútil assolando a Terra por causa da questão da imigração. E se houvesse uma guerra, a Terra seria derrotada rápida e duradouramente, e a parede seria erigida.

— Você tem certeza? Tem certeza de que até mesmo um historiador profissional sempre sabe distinguir uma vitória de uma derrota?

Field sorriu. Disse: — Talvez você saiba algo que não sei. Por exemplo, falam sobre algo chamado “Projeto Pacífico”.

— Nunca ouvi falar. — Stein tornou a encher os dois copos. — Vamos falar de outras coisas.

Ergueu seu copo na direção da janela, fazendo com que as estrelas brilhassem em tons de rosa no líquido e disse: — A um final feliz para os problemas da Terra.

Field levantou o seu — Ao Projeto Pacífico.

Stein tomou um gole suavemente e disse: — Mas nós estamos bebendo a duas coisas diferentes.

— Estamos? Ë bastante difícil descrever qualquer um dos mundos Cósmicos a um terráqueo nativo, visto que não se trata tanto de uma descrição de um mundo, mas de um estado de espírito. Os Mundos Cósmicos — uns cinqüenta, primeiramente colônias, mais tarde domínios, mais tarde nações — são extremamente diferentes entre si num sentido físico. Mas o estado de espírito é praticamente o mesmo em todos eles. É algo que surge de um mundo originariamente incompatível com a espécie humana, todavia habitado pela nata das pessoas difíceis, diferentes e ousadas. Para se dizer numa única palavra, esta palavra é "individualidade." Há o mundo de Aurora, por exemplo, a três parsecs da Terra.

Foi o primeiro planeta colonizado fora do sistema solar, e representou a aurora das viagens interestelares. Daí o seu nome. Possuía ar e água para o começo, talvez, mas pelos padrões da Terra era rochosa e infértil. A vida vegetal que realmente existia, formada por um pigmento amarelo esverdeado completamente diferente da clorofila e não tão eficiente quanto esta, dava às regiões comparativamente férteis um aspecto bilioso e desagradável aos olhos desacostumados. Não havia nenhuma vida animal mais alta do que a unicelular, bem como a equivalente à bactéria. Nada perigoso, naturalmente, visto que os dois sistemas biológicos, o da Terra e o de Aurora, não possuíam qualquer relação química. Aurora tornou-se, bem gradativamente, um canteiro. Sementes e árvores frutíferas foram as que chegaram primeiro; depois, arbustos, flores e grama. Em seguida, grandes quantidades de gado. E, como se fosse necessário impedir uma cópia demasiadamente fiel

do planeta-mãe, vieram também robôs positrônicos para construírem as mansões, formarem as paisagens e instalarem as unidades de força. Em resumo, para fazerem o trabalho e tornarem o planeta verde e humano. Havia o luxo de um mundo novo e reservas minerais ilimitadas. Havia o excesso esplêndido de energia atômica instalada em novas fundações com apenas milhares, ou, no máximo, milhões, e não bilhões, de pessoas para servir. Havia o imenso florescer da ciência física, em mundos onde havia espaço para ela. Vejam a casa de Franklin Maynard, por exemplo, o qual, com sua esposa, três filhos e vinte e sete robôs, vivia num estado a mais de quarenta milhas de distância de seu vizinho mais próximo. Todavia, através da onda comunitária, podia, se quisesse, estar na sala de qualquer um dos setenta e cinco milhões de habitantes de Aurora — com cada um, separadamente; com todos, simultaneamente.

Maynard conhecia cada polegada de seu vale. Sabia exatamente onde acabava, abruptamente, para dar lugar aos penhascos, nos quais agarravam-se as folhas angulosas e afiadas do tojo nativo — como que odiando a matéria mais suave que lhe havia usurpado o lugar no sol.

Maynard não precisava sair deste vale.

Era deputado na Assembleia e membro do Comitê de Agentes Estrangeiros, mas podia discutir qualquer negócio, com exceção do algo extremamente essencial, pela onda comunitária, sem nunca sacrificar aquela preciosa privacidade que precisava ter, de um modo que nenhum terráqueo entenderia.

Até mesmo o assunto no momento podia ser resolvido pela onda comunitária.

O homem, por exemplo, que estava sentado com ele em sua sala, era Charles Hijkman e este, na verdade, estava sentado em sua própria sala, numa ilha de um lago artificial com

cinqüenta variedades de peixes que por acaso, ficava a duas mil e quinhentas milhas de distância, no espaço. A conexão era uma ilusão, claro. Se Maynard estendesse a mão, poderia sentir a parede invisível.

Até os robôs estavam bem acostumados com o paradoxo, e quando Hijkman quis um cigarro, o robô de Maynard não se mexeu para satisfazer este desejo, embora meio minuto se passou até que o robô de Hijkman o trouxesse. Os dois homens estavam falando como nativos dos Mundos Cósmicos, isto é, formalmente e com as sílabas muito entrecortadas para serem cordiais, mas, ainda assim, sem hostilidade.

Simplesmente havia uma falta indefinível da sociabilidade humana — ainda que azeda e escassa, às vezes — imposta com tanta força aos formigueiros da Terra.

Maynard disse:

— Há muito tempo que venho desejando ter uma conversa particular, Hijkman.

Mas obrigações na Assembleia, este ano…

— Claro. Eu compreendo. É óbvio que você é bem-vindo. Na verdade, especialmente bem-vindo, visto que ouvi falar da natureza superior de suas terras e paisagens. E verdade que seu gado é alimentado com grama importada?

— Receio que isto seja um pouco de exagero. Na verdade, algumas de minhas melhores vacas leiteiras são alimentadas com produtos importados da Terra durante a gestação, mas isto ficaria caro demais se eu o tornasse uma prática generalizada.

Entretanto, faz um leite extraordinário. Poderia ter o privilégio de lhe mandar uma de minhas produções diárias?

— Seria muito gentil de sua parte. — Hijkman abaixou a cabeça, gravemente. — Você precisa receber alguns de meus salmões, em troca. Para um olho terráqueo, os dois homens poderiam parecer bastante semelhantes. Ambos eram altos, ainda que não excessivamente para Aurora, onde a média de altura do homem adulto é de seis pés e uma polegada e meia. Ambos eram loiros e de músculos fortes, com características pronunciadas. Embora nenhum tivesse menos de quarenta anos, a meia-idade quase não se fazia notar em ambos.

Bastava de amenidades.

Sem uma mudança no tom, Maynard procedeu ao ponto sério de sua visita. Disse:

— O Comitê está, no momento, bastante comprometido com Moreanu e seus Conservadores. Gostaríamos de lidar com eles com firmeza, nós, os Independentes. Mas antes de fazermos isto com calma e certeza, eu gostaria de lhe fazer algumas perguntas.

— Por que eu?

— Por que você é o físico mais importante de Aurora. A modéstia não é uma atitude natural, e é com muita dificuldade que se a ensina às crianças. Numa sociedade individualista, ela é inútil e Hijkman, portanto, não ficou embaraçado.

Apenas acenou confirmando, objetivamente, as últimas palavras de Maynard.

— E — continuou Maynard — como um de nós, você é um Independente.

— Sou um membro do Partido. Contribuinte, mas não muito ativo.

— Não obstante, seguro. Agora, diga-me, já ouviu falar no “Projeto Pacífico”?

— O “Projeto Pacífico”? — Houve uma pergunta polida em suas palavras.

— E algo que está acontecendo na Terra. O Pacífico é um oceano terrestre, mas o nome em si, provavelmente, não tem nenhum significado.

— Nunca ouvi falar nele.

— Não fico surpreso. Poucos ouviram, mesmo na Terra. A propósito, nossa comunicação se faz pelo rádio e não podemos ir além disso.

— Entendo.

— Seja o Projeto Pacífico o que for — e nossos agentes são extremamente vagos — é concebível pensar que poderia ser uma ameaça. Muitos daqueles que, na Terra, passam por cientistas parecem estar ligados a ele. Assim como, alguns dos políticos mais tolos e radicais da Terra.

— Hum-m-m. Há algum tempo, houve alguma coisa chamada Projeto Manhattam.

— Sim — incitou Maynard — e que tal este?

— Ah, é uma coisa antiga. Ocorreu-me simplesmente por causa da analogia dos nomes. O Projeto Manhattam foi da época anterior às viagens extraterrestres. Houve alguma guerrinha nas idades obscuras, e foi o nome dado a um grupo de cientistas que desenvolveram a energia atômica.

— Ah — e Maynard fechou as mãos — e o que pensa que o Projeto Pacífico pode

fazer, então?

Hijkman pensou. Então, suavemente:

— Você acha que a Terra está planejando uma guerra?

Surgiu uma repentina expressão de desgosto na face de Maynard.

— Seis bilhões de pessoas. Seis bilhões de meio-macacos, melhor dizendo, apinhados num sistema a ponto de explodir, vendo apenas alguns milhares de nós, no total. Você não acha que é uma situação perigosa?

— Oh, números!

— Muito bem. Estamos salvos, apesar dos números? Diga-me. Sou apenas um administrador e você é um físico. A Terra pode, de algum modo, ganhar a guerra?

Hijkman sentou-se solenemente em sua cadeira e pensou cuidadosa e demoradamente. Então disse:

— Vamos raciocinar. Há três grandes classes de métodos pelas quais um indivíduo ou um grupo pode alcançar seus objetivos contra a oposição. Num nível mais sutil, estas três classes podem ser denominadas física, biológica e psicológica. Bem, a física pode ser facilmente eliminada. A Terra não tem um passado industrial. Não tem um “know-how”

técnico. Tem recursos muito limitados. Não tem nem mesmo um único físico de nome.

Assim sendo, é impossível, mais do que tudo nesta galáxia, que possam desenvolver qualquer forma de aplicação físico-química que já não seja conhecida pelos Mundos Cósmicos. Isto, é claro, contando-se que a Terra se oporá sozinha aos Mundos Cósmicos.

Estou partindo do princípio de que nenhum dos Mundos Cósmicos pretende unir-se à Terra contra nós.

Maynard fez uma oposição violenta até mesmo á sugestão.

— Não, não, não. Não há o que discutir quanto a isso. Tire isso de sua cabeça.

— Então, não podemos pensar em armas físicas desconhecidas. Não é necessário continuar a discutir este ponto.

— Então, e a segunda classe, a biológica?

Hijkman ergueu as sobrancelhas lentamente:

— Bom, esta é menos segura. Alguns biólogos terrestres são bastante competentes, pelo que me disseram. Naturalmente, visto que eu próprio sou um físico, não estou inteiramente qualificado para julgar isto. Todavia, acredito que, em certos campos restritos, eles ainda são "experts". Na ciência da agricultura, é claro, para dar um exemplo óbvio. E em bacteriologia.

— Hum-m-m…

— Sim, e uma guerra bacteriológica?

— Que pensamento! Não, não, praticamente inconcebível. Um mundo lotado como a Terra não pode lutar com germes contra cinqüenta mundos espalhados. Estão infinitamente mais sujeitos a epidemias, isto é, a uma vingança nos mesmos termos. Na realidade, eu diria que, com as condições de vida de Aurora e dos outros Mundos Cósmicos, nenhuma doença contagiosa poderia realmente nos atingir. Não, Maynard.

Você pode verificar com um bacteriologista, mas acredito que ele lhe dirá o mesmo.

Maynard disse:

— E a terceira classe?

— A psicológica? Bem, esta é imprevisível. Todavia os Mundos Cósmicos são inteligentes e comunidades ricas, não influenciáveis por propagandas políticas comuns ou por esta questão, a ponto de serem tomados por uma onda de emocionalismo prejudicial.

Agora, eu só fico pensando se…

— Sim?

— E se o Projeto Pacífico for exatamente isto? Quero dizer, uma maneira de nos desequilibrar. Algo altamente secreto, mas criado com a intenção de que seja transpirado bem à moda antiga, para que os Mundos Cósmicos cedam um pouco à Terra, simplesmente para se garantirem.

Houve um longo silêncio.

— Impossível — explodiu Maynard com raiva.

— Você está reagindo como se deve. Você está hesitando. Mas eu não estou forçando esta interpretação. E apenas um pensamento.

Um silêncio maior, e em seguida Hijkman falou de novo:

— Há alguma outra pergunta?

Maynard interrompeu sua divagação.

— Não… não…

A onda foi interrompida e apareceu uma parede onde havia espaço, há um momento atrás. Lentamente, persistindo em sua descrença, Franklin Maynard balançou a cabeça.

Ernest Keilin subiu as escadas sentindo pena de todos os séculos passados. O prédio era velho e coberto com teias de aranha pela história. Chegou a abrigar o Parlamento do Homem e dele saíam as palavras que iam grudar-se nas estrelas.

Era um prédio alto. Elevava-se — esticava-se — fazia força. Em direção às estrelas; às estrelas que agora lhe haviam dado as costas.

Não mais abrigava nem mesmo o Parlamento da Terra. Este havia sido transferido para um prédio mais novo, em estilo neoclássico, um que imitava, precariamente, os estilos arquitetônicos da antiga era préatômica.

Todavia, o prédio mais antigo ainda trazia seu grande nome.

Oficialmente, ainda era a Casa Estelar, mas abrigava apenas os funcionários de uma burocracia decadente, no momento. Keilin desceu no décimo segundo andar, e o elevador imediatamente voltou para baixo.

O letreiro luminoso dizia suave e silenciosamente: Bureau de Informações.

Entregou uma carta à recepcionista.

Esperou.

E finalmente, atravessou a porta onde estava escrito “L. Z. Cellioni — Secretário de Informações.

Cellioni era baixinho e escuro. Seu cabelo era grosso e preto e seu bigode, fino e preto. Seus dentes, quando sorria, eram espantosamente brancos e regulares — por isso sorria muito.

Estava sorrindo, agora, ao se levantar e estendeu a mão. Keilin tomou-a, assim como um lugar e um charuto que lhe foram oferecidos.

Ceilioni disse:

— Estou muito contente em vê-lo, Sr. Keilin. Foi gentileza de sua parte tomar um avião em Nova Iorque por causa de um recado tão curto.

Keilin abaixou os cantos dos lábios e fez um gesto com uma mão, desprezando todo esse negócio.

— E agora — continuou Cellioni — presumo que o senhor gostaria de ter uma explicação sobre tudo isso.

— Não recusaria uma — disse Keilin.

— Infelizmente, é difícil saber exatamente como explicar. Como secretário de informações, minha posição é difícil. Preciso salvaguardar a segurança e o bem-estar da Terra e, ao mesmo tempo, observar a nossa tradicional liberdade de imprensa.

Naturalmente, e felizmente, não temos nenhuma censura, mas naturalmente, também, há horas em que quase poderíamos desejar que tivéssemos.

— Isto — perguntou Keilin — é com referência a mim? Quero dizer, sobre a censura?

Cellioni não respondeu diretamente. Em lugar disso, sorriu novamente, lentamente, e com uma ausência notável de jovialidade. Disse:

— O senhor, sr. Keilin, tem um dos programas de televisão mais assistidos e influentes. Portanto, o senhor é de um especial interesse para o governo.

— A hora é minha — disse Keilin, com teimosia. — Pago por ela. Pago meu imposto de renda. Obedeço todas as leis comuns que regem os tabus. Portanto, realmente não vejo por que poderia despertar tanto interesse no governo.

— Oh, o senhor não me entendeu. Acho que o erro foi meu, por não ter sido mais claro. O senhor não cometeu nenhum crime, nem desrespeitou qualquer lei. Eu apenas admiro sua habilidade jornalística. Estou me referindo à sua atitude editorial em algumas

vezes.

— Com respeito a quê?

— Com respeito — disse Ceilioni, com uma dureza repentina em seus lábios finos — à nossa política em relação aos Mundos Cósmicos.

— Minha atitude editorial representa o que sinto e penso, sr. Secretário.

— Admito que seja assim. O senhor tem o seu direito de sentir e pensar. Todavia, é injudicioso espalhar suas ideias todas as noites a uma audiência de meio bilhão de pessoas.

— Injudicioso, talvez, para o senhor. Mas legal, para qualquer pessoa.

— Às vezes, é necessário colocar o bem do país acima de uma interpretação restrita e egoísta da legalidade.

Keilin bateu o pé no chão duas vezes e franziu a testa.

— Olhe — disse — fale com franqueza. O que é que o senhor quer?

O secretário de informações abriu as mãos para ele.

— Numa palavra — cooperação! Realmente, sr. Keilin, não podemos deixar o senhor enfraquecer a vontade do povo. O senhor avalia a posição da Terra? Seis bilhões e um suprimento alimentar decadente! Ë insuportável! E a emigração é a única solução.

Nenhum terráqueo pode deixar de ver a justiça de nossa posição. Nenhum ser humano razoável pode deixar de ver a justiça disso.

Keilin disse:

— Concordo com a sua premissa de que o problema da população é sério, mas a emigração não é a única solução. De fato, a emigração é o caminho certo para o apressamento da destruição.

— É mesmo? E por que o senhor diz isto?

— Por que os Mundos Cósmicos não permitirão a emigração, e o senhor só poderá forçá-los a isto pela guerra. E nós não podemos ganhar uma guerra.

— Diga-me — disse Cellioni suavemente — o senhor já tentou emigrar, alguma vez? Parece-me que o senhor teria as condições necessárias. Ë bem alto, tem cabelos loiros, é inteligente…

O homem da televisão corou.

Disse secamente:

— Tenho febre do feno.

— Bem — e o secretário sorriu — então o senhor deve ter boas razões para desaprovar as políticas genéticas e racistas arbitrárias deles.

Keilin respondeu, esquentado:

— Não me influencio pelos meus motivos pessoais. Eu desaprovaria aquela política mesmo que tivesse todas as qualidades para emigrar. Mas minha desaprovação não alteraria nada. As políticas deles são deles, e podem Pô-las em prática. Além disso, suas políticas têm alguma razão, ainda que erradas. A espécie humana está começando, novamente, nos Mundos Cósmicos e eles — os que chegaram lá primeiro — gostariam de eliminar algumas das falhas do mecanismo humano que se tornaram óbvias com o tempo.

Um portador da febre do feno é um ovo podre — geneticamente. Um portador de câncer, muito mais. Os preconceitos que têm contra a cor da pele e do cabelo não têm sentido, é claro, mas posso assegurar que estão interessados em uniformidade e homogeneidade. E, quanto à Terra, podemos fazer muita coisa mesmo sem a ajuda dos Mundos Cósmicos.

— O que, por exemplo?

— Robôs positrônicos e uma lavoura hidropônica deveriam ser introduzidos e — mais do que tudo — deve ser instituído o controle de nascimento. Um controle de nascimento inteligente, isto é, baseado em rígidos princípios psiquiátricos tencionados à eliminação das tendências psicóticas, das enfermidades congênitas…

— Como fazem nos Mundos Cósmicos…

— De modo algum. Não mencionei princípios racistas. Falo apenas em enfermidades físicas e mentais que estão presentes em todos os grupos étnicos e raciais.

E, principalmente, o número de nascimentos deve ser mantido abaixo do número de mortes até se atingir um equilíbrio sadio.

Cellioni disse, com um sorriso:

— Faltam-nos as técnicas industriais e os recursos para introduzirmos uma tecnologia Robôhidropônico em menos de cinco séculos. Além disso, as tradições da Terra, bem como as crenças éticas correntes, proíbem o trabalho feito por robôs e alimentos artificiais. Principalmente, proíbem o massacre de crianças não-nascidas. Ora, Keilin, veja, não podemos deixar você transmitir isto pelo vídeo. Não funciona; distrai a atenção; enfraquece a vontade.

Keilin interrompeu bruscamente:

— Sr. Secretário, o senhor quer uma guerra?

— Se eu quero uma guerra? Esta é uma pergunta imprudente.

— Então, quais são os políticos do governo que realmente querem uma guerra?

Por exemplo quem é o responsável pelo rumor planejado sobre o Projeto Pacífico?

— Projeto Pacífico? E onde você ouviu isso?

— Minhas fontes são o meu segredo.

— Então, eu lhe direi. Você ouviu falar nesse Projeto Pacífico por Moreanu de Aurora, em sua recente viagem à Terra. Sabemos mais sobre o senhor do que supõe, sr.

Keilin.

— Acredito mesmo, mas não admito que recebi informações de Moreanu. Por que o senhor pensa que eu poderia obter informações dele? Seria porque deixaram-no deliberadamente saber sobre esta besteira?

— Besteira?

— Sim. Acho que o Projeto Pacífico é uma farsa. Uma farsa com a intenção de inspirar confiança. Acho que o governo planeja deixar este segredo transpirar, para fortalecer sua política de guerra. Faz parte de uma guerra de nervos feita contra os próprios povos da Terra, e será, no final, a ruína deste planeta.

— Eu vou levar esta minha teoria até o povo.

— O senhor não irá, sr. Keilin — disse Cellioni em voz baixa.

— Irei.

— Sr. Keilin, seu amigo, Ion Moreanu, está tendo problemas em Aurora por ser demasiadamente cordial com o senhor. Tome cuidado para que o mesmo não lhe aconteça por ser demasiadamente cordial com ele.

— Não estou preocupado.

O homem da televisão deu uma risada curta, pôs-se de pé e dirigiu-se à porta.

Keilin sorriu gentilmente quando encontrou a porta bloqueada por dois homens enormes:

— Isto quer dizer que estou preso.

— Exatamente — disse Cellioni.

— Sob que acusação?

— Pensaremos numa, mais tarde.

Keilin saiu — escoltado.

Em Aurora, o espelho da situação acima descrita estava acontecendo, só que em maior escala.

O Comitê de Agentes Estrangeiros da Assembleia estava reunido há vários dias, agora — desde a sessão da Assembleia na qual Ion Moreanu e seu Partido Conservador fizeram o possível para forçarem um voto de desconfiança. Que houvesse falhado era devido, em parte, à política geral superior dos Independentes, e, em parte, à atividade deste mesmo Comitê de Agentes Estrangeiros.

Havia meses, agora, que as provas haviam sido acumuladas, e, quando o voto de confiança foi dado a favor dos Independentes, o Comitê pôde atacar a seu modo.

Moreanu foi intimado em sua própria casa e colocado em prisão domiciliar.

Embora a prisão domiciliar não fosse, devido às circunstâncias, legal — fato apontado enfaticamente por Moreanu foi, no entanto, cumprida com sucesso. Durante três dias, Moreanu foi inteiramente examinado, em tons de voz polidos e impassíveis que quase não indicavam nada que não fosse uma curiosidade desprovida de emoção.

Os sete inquisidores do Comitê revezavam-se no interrogatório, mas Moreanu tinha direito a apenas dez minutos de intervalo, durante todas as horas em que o Comitê esteve presente.

Depois de três dias, ele começou a mostrar os efeitos. Estava rouco de tanto pedir para ver seus acusadores; exausto de tanto insistir em que fosse informado da natureza exata das acusações; com a garganta estourada de tanto gritar contra a ilegalidade do procedimento.

Finalmente, o Comitê leu afirmações para ele:

— E verdade ou não? E verdade ou não?

Moreanu podia apenas balançar a cabeça de modo cansado quando o envolviam com a afirmação. Desafiou a competência das provas e foi informado brandamente de que os procedimentos constituíam uma investigação do Comitê e não um julgamento.

Finalmente, o presidente bateu seu martelo. Era um homem franco e tremendamente

decidido.

Falou por uma hora para dar o resumo final dos resultados do inquérito, mas apenas uma parte relativamente pequena dele precisou ser mencionada.

Disse:

— Se você tivesse meramente conspirado com outros de Aurora, poderíamos entendê-lo, e até perdoá-lo. Este erro teria sido considerado como um a mais dos homens ambiciosos que encontramos na história. Mas não foi nada disso. O que nos horroriza e acaba com toda a nossa piedade é a sua ânsia de associar-se com os remanescentes doentes, ignorantes e subumanos da Terra.

— Você, o acusado, encontra-se aqui sob um enorme peso de provas que mostram ter conspirado com os piores elementos da população mestiça da Terra…

O presidente foi interrompido por um grito agonizante de Moreanu.

— Mas o motivo! Qual o motivo que o senhor pode atribuir…

O acusado foi empurrado de volta à sua cadeira. O presidente apertou os lábios e saiu da gravidade de sua palestra preparada para um pouco de improvisação.

— Não cabe — disse — a este Comitê descobrir seus motivos. Mostramos os fatos do caso. O Comitê tem a evidência… — Fez uma pausa e olhou a linha de membros, de um lado a outro, para, depois, prosseguir.

— Acho que posso dizer que o Comitê tem provas que mostram sua intenção de usar o poder dos terráqueos para arquitetar um golpe que o tornaria ditador em Aurora.

Mas, visto que as provas não foram usadas, não me aprofundarei nisto, a não ser para dizer que este resultado é consistente com seu caráter, como ficou mostrado nessas audiências.

Voltou á sua palestra.

— Aqueles dentre nós que estão aqui ouviram, acredito, algo chamado “Projeto Pacífico” o qual, segundo os rumores, representa uma tentativa, por parte da Terra, de reaver seus domínios perdidos.

— Seria inútil enfatizar aqui que qualquer tentativa do gênero deve consagrar-se ao fracasso. Todavia, uma derrota para nós não é inteiramente inconcebível. Uma coisa pode fazer-nos tropeçar, e esta coisa é uma fraqueza interna insuspeitada. A genética ainda é, afinal de contas, uma ciência imperfeita. Mesmo com vinte gerações atrás de nós, características indesejáveis podem aflorar em pontos isolados, e cada uma representa uma falha no escudo de aço da força de Aurora.

— Isto é o Projeto Pacífico — o uso de nossos próprios criminosos e traidores contra nós; e se conseguirem encontrar um dentre de nossos conselhos internos, os terráqueos poderão, até mesmo, vencer.

— O Comitê de Agentes Estrangeiros existe para combater esta ameaça. No acusado, estamos tocando as pernas desta aranha. Temos de continuar…

De qualquer forma, a palestra continuou. Quando foi concluída, Moreanu, pálido, de olhos arregalados, armou seu punho.

— Peço a palavra…

— O acusado pode falar — disse o presidente. Moreanu levantou-se e olhou ao seu redor por um instante. A sala, feita para uma audiência de setenta e cinco milhões de pessoas pela onda comunitária, estava vazia.

Havia os inquisidores, a equipe legal, pessoas para fazerem os relatórios oficiais — e com ele, em carne e osso, seus guardas.

Ele teria se saído melhor com uma audiência. Sem ela, a quem ele poderia apelar?

Seu olhar passou desesperançosamente por todos os rostos, mas não conseguiu achar nada melhor.

— Primeiramente — disse — nego a legalidade desta reunião. Meus direitos constitucionais de privacidade e individualidade foram negados. Fui julgado por um grupo que não representa uma corte, por indivíduos previamente convencidos de minha culpa. Negaram-me uma oportunidade adequada para eu me defender. De fato, fui tratado a todo momento como um criminoso julgado que está aguardando a sentença.

— Nego completamente e sem reservas, que estou engajado numa atividade prejudicial ao estado ou que tende a subverter suas instituições fundamentais.

— Acuso, vigorosamente e sem reservas, este Comitê de usar seus poderes deliberadamente para ganhar batalhas políticas. Sou culpado não de traição, mas de desacordo. Discordo com a política dedicada à destruição da maior parte da raça humana por motivos que são triviais e desumanos.

— Ao invés de destruição, devemos fornecer assistência a estes homens que estão condenados a uma vida dura e infeliz apenas porque foram os nossos ancestrais, e não os deles, que, por acaso, chegaram primeiro aos Mundos Cósmicos. Com a nossa tecnologia e recursos, eles podem, todavia, criar e desenvolver novamente…

A voz do presidente calou o quase sussurro de Moreanu.

— Você está fugindo às normas. O Comitê está bem preparado para ouvir qualquer comentário que deseje fazer em sua defesa, mas um sermão sobre os direitos dos terráqueos está fora do domínio legítimo da discussão.

As audiências foram formalmente encerradas. Foi uma grande vitória política para os Independentes; todos concordariam com isto. Dos membros do comitê, apenas Franklin Maynard não estava completamente satisfeito.

Permanecia uma dúvida pequena e inoportuna. Ele ficava imaginando… Deveria tentar, pela última vez? Deveria falar mais uma vez e nunca mais com aquele estranho embaixador macaco da Terra?

Tomou uma decisão rapidamente e agiu na mesma hora. Somente uma pausa para arranjar uma testemunha, visto que, até mesmo para ele, uma conversa particular sem testemunhas com um terráqueo poderia ser perigoso.

Linz Moreno, embaixador da Terra em Aurora, era uma figura miserável de um homem. E isto não era exatamente um acidente. No conjunto, os diplomatas estrangeiros da Terra tinham tendência para serem negros, baixos, mirrados ou fracos — ou tudo isto.

Isto era apenas uma autoproteção, visto que os Mundos Cósmicos exerciam uma forte atração em todos os terráqueos. Diplomatas expostos à fascinação de Aurora, por exemplo, voltavam à Terra extremamente relutantes.

Uma exposição pior e mais perigosa significava uma simpatia crescente pelos

semideuses das estrelas e uma crescente alienação dos habitantes miseráveis da Terra.

A menos, é claro, que o embaixador fosse rejeitado. A menos que se visse, de algum modo, desprezado. Então, não se podia imaginar um criado mais fiel da Terra, nem uma pessoa menos sujeita à corrupção.

O embaixador da Terra tinha cinco pés e duas polegadas, era calvo, com uma testa entrada, com uma irritação na barba e olhos avermelhados. Estava com um pouco de gripe, cujos resultados ele abafava num lenço.

Ainda assim, era um homem de intelecto.

Para Franklin Maynard, a visão e o som de um terráqueo eram penosos.

Ficou enjoado com as tosses e tremia quando o embaixador assoava o nariz.

Maynard disse: — Sua excelência, estamos tendo esta conversa particular, a meu pedido, porque desejo informá-lo que a Assembleia decidiu pedir a sua volta ao governo da Terra.

— E muita gentileza de sua parte, conselheiro. Eu já estava suspeitando. E por que motivo?

— O motivo não faz parte desta discussão. Acredito ser a prerrogativa de um estado soberano decidir por si próprio se um representante estrangeiro deve ser persona grata ou não. E também não penso que o senhor precise de um esclarecimento neste assunto.

— Muito bem, então. — O embaixador fez uma pausa para usar o lenço e se desculpou. — E só isso?

Maynard disse:

— Não é tudo. Há algumas questões que eu gostaria de mencionar. Fique!

As narinas avermelhadas do embaixador brilharam um pouco, mas ele sorriu e disse:

— Uma honra.

— Seu mundo, excelência — disse Maynard, altivamente — está mostrando uma certa beligerância que nós, em Aurora, consideramos tremendamente incômoda e desnecessária. Tenho certeza de que o senhor considerará sua volta à Terra, a essa altura dos acontecimentos, uma oportunidade conveniente para usar sua influência contra demonstrações posteriores semelhantes às que ocorreram recentemente em Nova Iorque, quando dois aurorianos foram maltratados por uma multidão. O pagamento de uma

indenização poderá não ser suficiente, na próxima vez.

— Mas aquilo foi um extravasamento emocional, conselheiro Maynard.

Naturalmente, o senhor não pode considerar uma representação adequada de beligerância o fato de jovens estarem gritando nas ruas.

— As ações de seu governo apóiam este ato em diversas maneiras. A recente prisão do sr. Ernest Keilin, por exemplo.

— O que é um negócio puramente doméstico — disse o embaixador, calmamente.

— Mas não um negócio que demonstra uma mentalidade razoável em relação aos Mundos Cósmicos. Keilin era um dos poucos terráqueos que, até recentemente, podia fazer com que suas vozes fossem ouvidas.

Era inteligente o bastante para perceber que nenhum direito divino protege o homem inferior, simplesmente por ser inferior.

O embaixador se levantou:

— Não estou interessado nas teorias de Aurora sobre as diferenças raciais.

— Um momento. Pode ser que o seu governo perceba que muitos de seus planos falharam com a prisão de seu agente, Moreanu. Saliente o fato de que nós de Aurora somos muito mais espertos do que fomos antes desta prisão. Isto pode servir para que eles façam uma pausa.

— Moreanu é meu agente? Francamente, conselheiro, se estou desacreditado, irei embora. Mas, certamente, a perda de uma imunidade diplomática não afeta minha imunidade pessoal como um homem honesto, livre de acusações de espionagem.

— Não é esse o seu trabalho? — Os aurorianos acreditam que espionagem e diplomacia são idênticas? Meu governo gostará de saber disso. Deveremos tomar precauções adequadas.

— Então, o senhor está defendendo Moreanu? Nega que esteja trabalhando para a Terra?

— Eu só estou me defendendo. Quanto a Moreanu, não sou tão burro a ponto de dizer alguma coisa.

— Por que burro?

— Por acaso uma defesa de minha parte não seria uma outra acusação contra ele?

Nem o acuso, nem o defendo. A briga de seu governo com Moreanu, como a de meu governo com Keilin — o qual o senhor está suspeitamente ansioso para defender — são assuntos internos. Vou sair, agora. A comunicação parou e, quase instantaneamente, a parede tornou a desaparecer.

Hijkman estava olhando pensativamente para Maynard.

— O que você acha dele? — perguntou Maynard, sorridente. — uma desgraça que uma caricatura da humanidade esteja andando por Aurora.

— Concordo com você, todavia.., todavia — Bem?

— Todavia quase consigo pensar que ele é o chefe e que estamos dançando conforme a sua música. Você está sabendo de Moreanu?

— Ë claro.

— Bem, ele será preso e mandado a um asteroide. Seu partido será desfeito. A primeira vista, qualquer um diria que estes fatos representam uma derrota horrível para a Terra.

— Você tem alguma dúvida quanto a isso?

— Não tenho certeza. O presidente do comitê, Hond, insistiu em anunciar sua teoria de que o Projeto Pacífico era o nome que a Terra deu a uma maneira de usar os traidores internos nos Mundos Cósmicos. Mas eu não penso assim. Não estou certo de que os fatos indiquem isto. Por exemplo, onde conseguimos nossa evidência contra Moreanu?

— Realmente, eu não sei dizer.

— Em primeiro lugar, nossos agentes. Mas como a conseguiram?

A evidência foi um pouco convincente demais. Moreanu poderia ter se protegido melhor…

Maynard hesitou. — Bem, resumindo, eu acho que foi o embaixador terrestre que, de certo modo, nos apresentou a maior evidência. Acho que ele se aproveitou da simpatia de Moreanu pela Terra para, primeiramente, tornar-se amigo dele e, depois, traí-lo.

— Porquê?

— Não sei. Para garantir uma guerra, talvez — com este Projeto Pacífico nos esperando.

— Não acredito nisso.

— Eu sei. Não tenho provas. Nada a não ser uma suspeita. O comitê também não acreditaria em mim. Eu achava que, talvez, uma última conversa com o embaixador pudesse revelar alguma coisa, mas só a aparência dele o põe contra mim, e descubro que passei a maior parte do tempo tentando afastá-lo de minha vista.

— Bem, você está ficando emotivo, meu amigo. E uma fraqueza horrorosa. Soube que você foi apontado para delegado na Assembleia Internacional em Vésper. Parabéns.

— Obrigado — disse Maynard, distraidamente.

Linz Moreno, ex-embaixador em Aurora, estava contente por voltar à Terra.

Estava longe das paisagens artificiais que pareciam não ter vida própria, mas existir

apenas pela forte vontade de seus possuidores.

Longe de homens e mulheres bonitos demais e de seus robôs incubados. Estava de volta ao zumbido da vida e ao arrastar dos pés; o roçar de ombros e a sensação de respiração em seu rosto.

Não que fosse capaz de gostar inteiramente destas sensações. Os primeiros dias haviam sido passados em conferências agitadas com os chefes do governo da Terra.

De fato, só depois de uma semana é que chegou o momento em que ele pôde considerar-se realmente relaxado. Estava num dos acessórios mais raros do luxo terrestre — num jardim de cobertura.

Com ele estava Gustav Stein, o fisiologista obscuro que era, contudo, um dos principais autores do Plano, conhecido como o Projeto Pacífico.

— Até agora, os testes de confirmação conferem, não? — disse Moreno, com uma satisfação quase temerosa. — Até agora. Apenas até agora. Temos muitas milhas a percorrer. — Entretanto, continuarão indo bem. Para quem morou em Aurora durante quase um ano, como eu, não há dúvida de que estamos no caminho certo.

— Hum-m-m. Contudo, prefiro me basear pelos relatórios do laboratório.

— E está muito certo.

Seu corpo pequeno estava quase duro de satisfação.

— Algum dia, vai ser diferente. Stein, você não conheceu estes homens, os dos Mundos Cósmicos. Você pode ter encontrado turistas, talvez, em seus hotéis especiais ou andando pelas ruas em carros fechados, equipados com o mais puro dos arescondicionados para suas narinas especiais; observando a vista com seus periscópios portáteis e afastando-se do contato de um terráqueo.

— Mas você não os viu em seu próprio mundo, seguros em sua grandeza doentia e apodrecida. Vai, Stein, e seja desprezado por algum tempo. Vai e veja se pode competir com seus gramados treinados como algo sobre o qual se deve andar suavemente.

— Todavia, quando puxei as cordas certas, Ion Moreanu caiu — Ion Moreanu, o único homem entre eles com capacidade para compreender o trabalho da mente de outra pessoa. Passamos por uma crise, agora. No momento, estamos diante de um caminho mais tranqüilo. Satisfação! Satisfação!

— Quanto a Keilin — disse de repente, mais para si do que para Stein — pode ser solto, agora. Daqui em diante, há muito pouco para ele dizer que possa pôr em perigo qualquer coisa. De fato, tenho uma ideia.

— A Conferência Interplanetária vai ser aberta em Vésper, no próximo mês. Ele pode ser enviado para fazer a reportagem da reunião.

— Será um sinal de nossa amizade — E vai mantê-lo fora durante o verão. Acho que isso pode ser arranjado.

Foi.

De todos os mundos Cósmicos, Vésper era o menor, de colonização mais recente e o mais distante da Terra. Por isso o nome.

No sentido físico, não era o mais apropriado para uma grande reunião diplomática, visto que as suas facilidades eram poucas.

Por exemplo, a cadeia de onda comunitária disponível não poderia, provavelmente, abranger todos os delegados, a equipe de secretários e administradores necessários numa convocação de cinqüenta. planetas.

Assim sendo, foram acertadas reuniões ao vivo, em prédios feitos com este propósito. Contudo, havia um simbolismo na escolha do lugar que, praticamente, não escapou a ninguém.

De todos os Mundos, Vésper era o mais distante da Terra. Mas a distância espacial — cem parsecs ou mais — era o de menos.

O ponto importante era que Vésper havia sido colonizado não por terráqueos, mas por homens vindos do Mundo Cósmico de Faunus.

Era, portanto, da segunda geração, e não tinha nenhuma “Mãe-Terra”.

A Terra, para ele, era apenas uma vaga avó, perdida nas estrelas.

Como é normal nestas reuniões, pouca coisa é realmente feita nas sessões dos prédios. Este espaço é reservado para as sondagens oficiais daquilo que os anfitriões querem ouvir.

A verdadeira barganha acontece nas antessalas e nas mesas de almoço, e muitos conflitos insolúveis foram amenizados perto de uma sopa e resolvidos perto de castanhas.

Todavia, dificuldades especiais estavam presentes neste caso.

Não era em todos os mundos que a onda comunitária era tão importante e difundida como em Aurora, mas era proeminente em todos.

Foi, portanto, com certo senso de ultraje e perda que os homens altos e dignificados acharam necessário aproximarem-se um do outro pessoalmente, sem a privacidade reconfortante das paredes invisíveis entre eles, sem a agradável presença de interruptores ao alcance das mãos.

Encararam-se um tanto embaraçados e tentaram não olhar o outro comer; tentaram não se contrair por ocasião de um toque descuidado.

Até mesmo o serviço de robôs foi racionado.

Ernest Keilin, o único repórter de televisão da Terra credenciado, sabia algumas destas questões apenas do modo vago com que estão descritas aqui.

Ele não podia ter uma visão mais precisa.

Tampouco qualquer pessoa criada numa sociedade onde os seres humanos só existem no plural, e onde uma casa precisa apenas estar deserta para ser temida.

Sendo assim, algumas das tensões mais sutis escaparam-lhe, no jantar formal do partido oferecido pelo governo vesperiano durante a terceira semana da conferência.

Entretanto, não lhe escaparam outras tensões.

Após o jantar a assembleia dividiu-se, naturalmente, em grupos.

Keilin uniu-se ao grupo em que estava Franklin Maynard de Aurora. Como delegado de um dos maiores Mundos, era o que mais fazia notícia.

Maynard estava falando entre um gole e outro do coquetel vesperiano que tinha na mão.

Quando sua carne fervilhava com a proximidade dos outros, disfarçava o sentimento habilmente.

— A Terra — disse — está, em essência desprotegida contra nós, se evitarmos aventuras militares imprevisíveis. A unidade econômica é realmente uma necessidade, se pretendermos evitar estas aventuras.

Deixe a Terra perceber o quanto sua economia depende de nós, das coisas que só nós podemos lhe fornecer, e não haverá mais essa conversa de espaço vital. E se nos unirmos, a Terra jamais ousará nos atacar. Ela trocará suas aspirações estéreis por motores atômicos — ou não, como quiser.

E voltou-se para olhar Keilin com uma certa altivez, enquanto este viu-se ferido com o comentário:

— Mas os seus produtos manufaturados, conselheiro — quero dizer, aqueles que o senhor manda para a Terra — não são dados a nós.

São trocados por produtos agrícolas.

Maynard deu um sorriso sedoso. — Sim, acredito que o delegado de Tétis comentou este fato em toda a sua extensão. Há uma ilusão entre alguns de nós sobre a superioridade das sementes terrestres.

Foi interrompido calmamente por outro que disse: — Veja, não sou de Tétis mas o que você mencionou não é uma ilusão. Cultivo centeio em Réia e nunca fui capaz de reproduzir uma semente terrestre.

Simplesmente, não tem o mesmo gosto. — Dirigiu-se a todos em geral.

— De fato, importei meia dúzia de terráqueos há cinco anos atrás para que vigiassem os robôs. Sabe, eles fazem maravilhas com a terra.

Onde semeiam, o milho cresce quinze pés. Bem, isto ajudou um pouco.

Mas o uso de sementes terrestres também ajudou. Mas mesmo cultivando sementes terrestres, elas não produzem mais no ano seguinte.

— O seu solo já foi testado pelo departamento agrícola de seu governo? — perguntou Maynard.

O reiano, por sua vez, respondeu com arrogância: — Não há solo melhor no setor.

E o centeio é de alta qualidade. Eu até mandei cem quilos à Terra para um exame do valor nutritivo e os resultados foram excelentes. — Coçou um lado do queixo pensativamente:

— Eu estou falando é do sabor. Parece que não consegue pegar…

Maynard tentou menosprezá-lo: — O sabor é temporariamente dispensável. Estes bandos de homenzinhos da Terra virão a nós do nosso jeito, quando sentirem o aperto.

Temos que desistir apenas deste sabor misterioso, mas eles terão de desistir de máquinas movidas por energia atômica, de maquinário para a lavoura e de carros para o chão.

De fato, não seria má ideia vivermos sem os sabores terrestres com os quais você está tão preocupado. Vamos apreciar, pelo contrário, o sabor dos produtos cultivados em nosso mundo — que poderia competir com o outro, se lhe déssemos uma chance…

— Ah, é? — o reiano sorriu. — Estou vendo que você está fumando tabaco da Terra. — Um hábito que posso modificar, se precisar.

— Provavelmente, deixando de fumar. Eu não usaria o tabaco dos Mundos Cósmicos a não ser para matar mosquitos. Ele riu um pouco asperamente demais, e saiu do grupo. Maynard ficou olhando-o, com o nariz meio virado.

Para Keilin, a pequena discussão sobre centeio e tabaco trouxe satisfação.

Realidades galacto-políticas.

Tétis e Réia eram os maiores da Galáxia do Sul, enquanto Aurora era o maior planeta da Galáxia do Norte. Os três planetas eram igualmente racistas e exclusivistas.

Seus pontos de vista sobre a Terra eram semelhantes e completamente compatíveis.

Normalmente, pensar-se-ia que não havia brigas entre eles. Mas Aurora era o mais antigo dos Mundos Cósmicos, o mais adiantado, o mais forte em poderio militar — e, portanto, aspirava uma espécie de liderança moral de todos os Mundos.

Isto já era o suficiente para causar uma oposição, e Réia e Tétis serviam de focos para aqueles que não reconheciam a liderança de Aurora.

Keilin estava tristemente grato a esta situação. Se a Terra usasse seu peso de modo certo, primeiramente numa direção, depois noutra, uma divisão definitiva, ou até uma fragmentação…

Olhou Maynard cuidadosamente, quase que furtivamente, e ficou imaginando qual o efeito que isto teria no debate do dia seguinte. O auroriano já havia silenciado muito mais do que obrigaria a educação.

Então, um subsecretário ou suboficial abriu caminho pelas multidões de convidados e fez um sinal chamando Maynard.

Os olhos de Keilin viram o auroriano retirar-se com outro indivíduo, viram-no escutar atentamente, soltar um espantado “O que?!” que foi bem visível, ainda que longe demais para ser ouvido, e, em seguida, pegar um papel que o outro lhe deu.

E como resultado, a conferência do dia seguinte foi completamente diferente daquilo que Keilin teria previsto.

Keilin descobriu os detalhes nas transmissões de televisão, feitas à noite.

O governo terrestre parecia ter enviado uma nota a todos os governos presentes na conferência. Avisava claramente a todos eles que qualquer acordo entre eles em termos militares ou econômicos seria considerado um ato de inimizade para com a Terra e seria recebido com contramedidas.

A nota denunciava, igualmente, Aurora, Tétis e Réia.

Acusava-as de estarem engajadas numa conspiração imperialista contra a Terra, e assim por diante.

— Loucos! — gritou Keilin, só faltando bater a cabeça contra a parede de tristeza.

— Loucos! Loucos! Loucos! — E sua voz foi desaparecendo aos poucos, ainda murmurando esta mesma palavra.

A sessão seguinte da conferência foi bastante disputada por um grupo de delegados com raiva, que estavam apenas demasiadamente ansiosos para levarem a nada os

desacordos que ainda eram relevantes.

Quando terminou, todos os assuntos a respeito de comércio entre a Terra e os Mundos Cósmicos haviam sido colocados nas mãos de uma comissão com poderes plenários.

Nem mesmo Aurora poderia ter esperado uma vitória tão completa e fácil, e Keilin, em sua viagem de volta a Terra, não via a hora de levar sua voz ao vídeo, para que pudesse gritar a outros, e não a si mesmo, seu desgosto.

Todavia, na Terra, alguns homens sorriam.

Uma vez de volta à Terra, a voz de Keilin foi lentamente rodopiando cada vez mais para baixo — perdida no clamor mais alto que gritava pedindo ação.

Sua popularidade caía à medida em que as restrições comerciais cresciam.

Lentamente, os Mundos Cósmicos apertavam o parafuso.

Primeiramente, instituíram a aplicação de um novo sistema de licença para exportação.

Em segundo lugar, proibiram a exportação para a Terra de todos os materiais capazes de serem “usados num esforço de guerra”.

Finalmente, deram uma interpretação realmente bem ampla do que poderia ser considerado relacionado com o item acima.

Produtos supérfluos importados — bem como necessidades importadas — desapareceram ou foram a um preço ao alcance de muitos poucos.

Assim sendo, as pessoas saíam às ruas, as vozes gritavam, os interditores balançavam-se à luz do sol e as pedras voavam em direção aos consulados..

Keilin gritava com todas as suas forças e sentia que estava ficando louco.

Até que, repentinamente, Luiz Moreno, totalmente por vontade própria, ofereceuse para aparecer no programa de Keilin e submeter-se a um questionário livre, na qualidade de ex-embaixador em Aurora e atual secretário sem pasta.

Para Keilin, esta era a oportunidade para o seu renascimento.

Conhecia Moreno — não era bobo.

Com Moreno em seu programa, lhe estava assegurada uma audiência maior do que todas as que já teve. Com Moreno respondendo às suas perguntas, algumas apreensões sem sentido poderiam ser afastadas e algumas confusões poderiam ser desfeitas.

O simples fato de que Moreno queria usar seu — seu — programa como sondagem poderia muito bem significar que havia sido adotada uma política externa mais razoável e flexível.

Talvez Maynard estivesse certo, e o aperto estava sendo sentido e funcionando de acordo com o previsto.

A lista de perguntas havia, é claro, sido submetida a Moreno anteriormente, mas o ex-embaixador havia dito que responderia a todas, e qualquer outra pergunta que fosse necessária.

Parecia o ideal. Ideal demais, talvez, mas só um criminoso louco estaria se preocupando com minúcias, naquela hora.

Houve uma propaganda de acordo com a importância do acontecimento — e quando eles se viram, um perante o outro, sentados numa mesinha, a agulha vermelha que indicava o números de aparelhos usando a energia daquele canal subiu para uma marca de

mais de duzentos milhões.

E houve uma média de 2,7 telespectadores por aparelho. Agora, o prefixo; a apresentação oficial.

Keilin coçou o rosto lentamente, esperando pelo sinal.

Então, começou: — Secretário Moreno, a questão que interessa a toda a Terra no momento refere-se à possibilidade de uma guerra. Que tal começarmos por esta? O senhor acha que haverá uma guerra?

— Se a Terra for o único planeta a se considerar, digo: Não, definitivamente não.

Em sua história, a Terra já teve guerras demais, e aprendeu, diversas vezes, quão pouco se ganha com isto.

— O senhor diz “se a Terra for o único planeta a se considerar…”.

Estaria deixando implícito que fatores fora de nosso controle causarão uma guerra?

— Eu não digo “causarão”; mas poderia dizer “podem causar.

— Não posso, é claro, falar pelos Mundos Cósmicos. Não posso fingir conhecer seus motivos e intenções neste momento crítico da história galáctica. Eles podem optar pela guerra. Espero que não. Se fizerem isto, entretanto, nós nos defenderemos. Mas em todo caso, nós jamais atacaremos; nós não iremos atirar a primeira pedra.

— Estou certo, então, ao dizer que, em sua opinião, não há diferenças básicas entre a Terra e os Mundos Cósmicos que não possam ser resolvidas por negociações?

— Certamente que está. Se os Mundos Cósmicos desejassem sinceramente uma solução, não poderia mais haver nenhum desentendimento entre eles e nós.

— Isto inclui a questão da imigração?

— Definitivamente. Nosso papel nesta questão está claro e além de censuras. No pé em que as coisas estão, duzentos milhões de seres humanos ocupam noventa e cinco por cento da terra disponível no universo. Seis bilhões — isto é, noventa e sete por cento de toda a humanidade — estão espremidos nos outro cinco por cento. Tal situação é claramente injusta e, pior ainda, instável. Todavia, a Terra, em face de tal injustiça, sempre se mostrou desejosa de tratar este problema como algo cuja solução seria alcançada gradativamente. E ainda pensa assim.

Nós deveríamos concordar com quotas razoáveis e restrições razoáveis.

Todavia, os Mundos Cósmicos têm se recusado a discutir este assunto.

Num período de cinco décadas, têm repelido todos os esforços de parte da Terra para uma abertura das negociações.

— Se esta atitude por parte dos Mundos Cósmicos continuar, então o senhor acredita que haverá guerra?

— Não posso crer que esta atitude vá continuar. Nosso governo não cessará de esperar que os Mundos Cósmicos finalmente reconsiderem sua posição na questão; tampouco deixaremos de acreditar que seu senso de justiça e de direitos não estão mortos, mas apenas adormecidos.

— Sr. secretário, vamos passar a outro assunto. O senhor acha que a Comissão dos Mundos Unidos, criada pelos Mundos Cósmicos há pouco tempo para controlar o comércio com a Terra, representa um perigo à paz?

— No sentido de que as ações desta comissão indicam um desejo, por parte dos Mundos Cósmicos, de isolarem a Terra e de enfraquecê-la economicamente, posso dizer que sim.

— A que ações o senhor se refere?

— Às ações no sentido de restringirem o comércio interestelar com a Terra a tal ponto que, em valores a crédito, no momento, o total atinge menos de dez por cento do que atingiu há três meses atrás.

— Mas estas restrições representam realmente um perigo econômico para a Terra?

Por exemplo, não é verdade que o comércio com os Mundos Cósmicos representa uma parte quase insignificante do total do comércio terrestre? E não é verdade que as importações que fazemos dos Mundos Cósmicos atingem apenas uma pequena minoria da população, no máximo?

— As suas perguntas, agora, são representativas de uma profunda falácia muito comum entre os nossos isolacionistas. Em valores a crédito, é verdade que o comércio interestelar representa apenas cinco por cento de nosso comércio total, mas noventa e cinco por cento de nossas máquinas atômicas são importadas. Oitenta por cento de nosso tório, sessenta e cinco por cento de nosso césio, sessenta por cento de nosso molibdênio e estanho são importados. A lista pode ser aumentada indefinidamente, e é bastante fácil ver que os cinco por cento são extremamente importantes, cinco por cento vitais. Além disso, se um grande fabricante recebe uma remessa de modeladores atômicos de aço de Réia, isto não significa que redunda apenas em seu próprio benefício.

Todos os homens da Terra que usam implementos de aço ou objetos manufaturados por implementos de aço, são beneficiados.

— Mas não é verdade que as atuais restrições ao comércio interestelar com a Terra cortaram as nossas exportações de sementes e gados a quase nada? E, longe de prejudicar a Terra, isto não seria realmente um benefício para nossos povos que passam fome?

— Esta é outra falácia muito séria. E verdade que o suprimento alimentício da Terra é tragicamente inadequado. O governo seria o último a negar tal coisa. Mas as nossas exportações de alimentos não representam um escoamento sério deste suprimento.

Menos de um quinto de um por cento do alimento da Terra é exportado e, em troca, recebemos, por exemplo, fertilizantes e maquinário agrícola que compensam a mais esta pequena perda, aumentando a eficiência agrícola. Portanto, comprando uma menor quantidade de alimentos de nós, os Mundos Cósmicos estão trabalhando, com efeito, para o corte de nosso suprimento alimentício já inadequado.

— O senhor está pronto para admitir, então, secretário Moreno, que pelo menos parte da culpa por esta situação deveria ficar com a própria Terra? Em outras palavras, chegamos a minha pergunta seguinte: não teria sido um erro diplomático crasso o nosso governo ter despachado uma nota inflamatória, denunciando as intenções dos Mundos Cósmicos antes que estas intenções houvessem se tornado claras, na Conferência Interplanetária?

— Acho que estas intenções estavam bastante claras, na época.

— Perdoe-me, senhor, mas eu estava na conferência. Na época em que a nota foi despachada, havia quase um empate entre os delegados dos Mundos Cósmicos. Os de Réia

e Tétis opunham-se energicamente a uma ação econômica contra a Terra, e havia uma chance considerável de que Aurora e seu bloco fossem derrotados. A nota enviada pela Terra acabou instantaneamente com essa possibilidade.

— Bem, qual é a sua pergunta, sr. Keilin?

— Considerando minhas afirmações, o senhor acha ou não que a nota da Terra foi um erro criminoso de diplomacia que, agora, só pode ser corrigido com uma política inteligente de conciliação?

— Você usa uma linguagem muito forte. Entretanto, não posso responder à pergunta diretamente, pois não concordo com a sua premissa maior. Não posso acreditar que os delegados dos Mundos Cósmicos tenham agido da maneira que você diz. Em primeiro lugar, todo mundo sabe que os Mundos Cósmicos orgulham-se do fato de que sua percentagem de insanidades, psicoses e até, em menor grau, de desajustes de personalidade está diminuindo cada vez mais, em suas sociedades. E um de seus argumentos mais fortes contra a Terra dizerem que temos mais psiquiatras do que encanadores, e ainda estamos precisando mais dos primeiros. Os delegados da conferência representaram o que há de melhor naquelas sociedades tão estáveis. E agora você quer me fazer acreditar que aqueles semideuses, num momento de ressentimento, teriam mudado as suas opiniões e instituído uma mudança maior na política econômica de cinqüenta mundos. Não acredito que sejam capazes de uma atividade tão infantil e perversa e, portanto, devo insistir em que qualquer que seja a medida que tomaram, não se basearam em nenhuma nota da Terra, mas sim em motivos muito mais profundos.

— Mas eu vi com os meus próprios olhos, senhor, o efeito que teve sobre eles.

Lembre-se de que foram repreendidos no que consideram uma linguagem insolente e

vinda de um povo inferior. Não há a menor sombra de dúvida, senhor, de que, no conjunto, os homens dos Mundos Cósmicos são um povo extremamente estável, apesar de seu sarcasmo, mas a atitude deles em relação à Terra representa um ponto fraco nesta instabilidade.

— Você está fazendo perguntas ou defendendo as políticas racistas dos Mundos Cósmicos?

— Bem, aceitando-se o seu ponto de vista de que a nota enviada pela Terra. não causou nenhum mal, que bem poderia ter trazido? Por que deveria ter sido mandada?

— Acho que fomos justificados, apresentando o nosso lado da questão ao tribunal que é a opinião pública galáctica. Acredito que esgotamos o assunto. Por favor, qual é a próxima pergunta? E a última, não?

— É. Foi enunciado recentemente que o governo terrestre tomará medidas enérgicas contra aqueles que estiverem fazendo operações de contrabando. Seria isto consistente com a opinião do governo de que relações comerciais menores são prejudiciais ao bem-estar da Terra?

— Nossa preocupação primordial é a paz, e não o nosso bemestar imediato. Os Mundos Cósmicos adotaram certas restrições comerciais. Nós as desaprovamos e as consideramos uma grande injustiça. Contudo, devemos aderir a elas, para que nenhum planeta possa dizer que demos o mínimo pretexto para o surgimento de hostilidades. Por exemplo, tenho o privilégio de anunciar aqui, pela primeira vez, que, no mês passado, cinco naves, via com um registro falso da Terra, foram interceptadas durante um contrabando de produtos dos Mundos Cósmicos para a Terra. Seus bens foram confiscados e as pessoas foram detidas. Isto prova as nossas boas intenções.

— Naves dos Mundos Cósmicos?

— Sim, mas viajando com um registro falso da Terra, lembre-se.

— E os homens detidos são cidadãos dos Mundos Cósmicos?

— Creio que sim. Entretanto, estavam desobedecendo não só as nossas leis, mas também as dos Mundos Cósmicos, e, portanto, perderam duas vezes os seus direitos interplanetários. Acho que seria melhor encerrar a entrevista por aqui.

— Mas isto…

Neste ponto, a transmissão foi interrompida de repente. A conclusão da última frase de Keilin nunca foi ouvida por ninguém, a não ser por Moreno. Terminava assim:

“. ..significa uma guerra”.

Mas Linz Moreno não estava mais no ar. Assim sendo, enquanto vestia suas luvas,

sorriu e, com um significado infinito, deu de ombros num gesto de indiferença. Não havia testemunhas desta indiferença.

A Assembleia em Aurora ainda estava reunida. Franklin Maynard havia se afastado, no momento, extremamente cansado. Olhou para seu filho, o qual ele via pela primeira vez de uniforme naval.

— Pelo menos você tem certeza do que vai acontecer, não tem?

Na resposta do jovem não havia nenhum cansaço ou apreensão; nada a não ser extrema satisfação.

— E isso mesmo, papai.

— Não há nada o incomodando, então? Você não acha que fomos induzidos a isto.

— Que importa se fomos? E o funeral da Terra.

Maynard balançou a cabeça: — Mas você percebe que estamos errados. Os cidadãos do Mundo Cósmico que estão detidos estão fora da lei. A Terra está no seu direito.

Seu filho franziu a testa:

— Espero que o senhor não afirme coisas como esta para a assembleia, papai. Não vejo absolutamente onde a Terra pode estar justificada. Muito bem, e daí se estava havendo contrabando? Só foi porque alguns homens dos Mundos Cósmicos estão querendo pagar os preços do mercado negro pela comida terrestre. Se a Terra tivesse um pouco de bom-senso, poderia fazer vistas grossas e todos sairiam ganhando. Ela faz bastante barulho sobre o quanto precisa de nosso comércio; então, por que não faz alguma coisa neste sentido? De qualquer forma, não vejo por que deixarmos alguns bons aurorianos nas mãos daqueles macacos. Visto que não vão desistir deles, faremos com que desistam. Caso contrário, nenhum de nós estará a salvo na próxima vez.

— De qualquer forma, vejo que você adotou a opinião pública.

— As opiniões são minhas. Se também são populares, é porque têm sentido. A Terra quer uma guerra. Bem, vai tê-la.

— Mas por que eles querem uma guerra, hein? Por que estão nos forçando a isto?

Toda a nossa política econômica dos meses passados tinha apenas o intuito de forçar uma mudança na atitude deles, sem guerra.

Ele estava falando consigo mesmo, mas seu filho respondeu com o argumento final: — Não me interesso em saber por que eles querem guerra. Eles a têm agora, e nós vamos esmagá-los.

Maynard voltou à assembleia, mas mesmo com o zumbido dos debates, pensou, com uma pontada de tristeza, que não haveria mais alfafa terrestre, no ano seguinte.

Sentia mais pelo leite. De fato, até a carne parecia, de algum modo, não ter mais o mesmo sabor…

A votação terminou nas primeiras horas da madrugada. Aurora declarou guerra. A maioria dos países do bloco de Aurora uniu-se a ela, logo pela manhã.

Nos livros de história, a guerra ficou conhecida como a Guerra das Três Semanas.

Na primeira semana, as forças aurorianas ocuparam diversos asteroides transplutônicos e, no começo da terceira semana, todas as tropas da Terra foram quase completamente destruídas numa batalha realizada dentro da órbita de Saturno por uma frota de Aurora que não tinha nem um quarto de seu tamanho. Declarações de guerra por parte dos Mundos Cósmicos até então neutros começaram a ocorrer uma atrás da outra, como fogos de artifício.

No vigésimo primeiro dia de guerra, faltando duas horas, a Terra se entregou — As negociações dos termos de paz ocorreram nos Mundos Cósmicos.

As atividades da Terra só diziam respeito a assinaturas. As condições de paz foram diferentes, talvez únicas, e, sob a força de uma humilhação sem precedentes, todas as multidões da Terra pareciam tomadas por um repentino silêncio, que vinha de uma raiva vergonhosa, forte demais para palavras.

Os termos mencionados foram, talvez, melhor comentados por uma voz no vídeo auroriano, dois dias após haverem sido dados a público.

Pode ser mencionado em parte: Não há nada dentro ou sobre a Terra que nós dos Mundos Cósmicos queiramos ou precisemos.

Tudo que tinha algum valor, na Terra, deixou-a há séculos atrás, nas pessoas de nossos ancestrais. — Chamam-nos de filhos da Mãe-Terra, mas não é verdade, pois somos descendentes de uma Mãe-Terra que não existe mais, uma Mãe que trouxemos conosco. A Terra de hoje é, no máximo, nossa prima. Nada mais.

— Se queremos seus recursos? Ora, eles não têm nem mesmo para si próprios. Se podemos usar sua indústria ou ciência? Dez deles não valem um único robô. Se queremos a glória duvidosa de governálos? Não há glória nisso. Como nossos inferiores irremediáveis e incompetentes, seriam apenas um peso morto para nós. Usufruiriam a nossa própria comida, trabalho e habilidade administrativa.

— Sendo assim, a única coisa que têm para nos dar é o espaço que ocupam em nossos pensamentos. Não têm nada do que nos libertar, a não ser deles mesmos. Não podem nos

beneficiar de qualquer modo que não a sua ausência.

— E por esta razão que os termos de paz foram definidos deste modo. Não lhes desejamos nenhum mal, por isso deixem-nos com seu próprio sistema solar. Deixem-nos viver lá, em paz. Deixem-nos moldar seu destino como desejarem, e nós não os perturbaremos com o menor indício de nossa existência. Mas, em troca, queremos paz.

Em troca, guiaríamos o nosso futuro a nossa maneira. Sendo assim, nós não queremos em absoluto a presença deles. E, visando este objetivo, uma patrulha dos Mundos Cósmicos vigiará os limites daquele sistema, para que possamos ter certeza de que não invadirão o nosso território.

— Não haverá nenhuma espécie de comércio, relações diplomáticas, viagens ou comunicações. Eles estão cortados, separados, hermeticamente isolados de nós. Temos, aqui, um novo universo, uma segunda criação do Homem, um Homem melhor…

— Eles nos perguntam: o que será feito da Terra? Nós respondemos: isto é problema da Terra. O crescimento da população pode ser controlado. Os recursos podem ser eficientemente explorados. Os sistemas econômicos podem ser revistos. Sabemos que sim, pois fizemos isto. Se não puderem, deixem que façam como os dinossauros e arrumem espaço.

— Deixem que eles arrumem espaço, em lugar de o ficarem pedindo eternamente!

Então, uma cortina impenetrável desceu sobre o sistema solar. As estrelas do céu da

Terra tomaram-se novamente, apenas estrelas, como nos dias remotos antes de a primeira nave ter penetrado na barreira da velocidade da luz. O governo que havia feito a guerra e a paz renunciou, mas não havia ninguém, realmente, para ocupar o seu lugar.

A legislatura elegeu Linz Moreno — ex-embaixador em Aurora, ex-secretário sem pasta — como presidente pro tem, e a Terra, como um todo, estava arrasada demais para concordar ou discordar.

Houve apenas um alívio generalizado, no sentido de que havia alguém querendo pegar para si o trabalho de guiar os destinos de um mundo aprisionado.

Muito poucos perceberam como este fim foi bem planejado, ou quantos cálculos Moreno fez para ver-se, naquele momento, na pele do presidente.

Ernest Keilin, desesperançoso, disse na tela da TV:

— Agora, só somos nós. Para nós, não há universo, nem passado — apenas a Terra e o futuro.

Naquela noite, teve notícias de Luiz Moreno, novamente, e, antes do amanhecer, rumou à capital.

A presença de Moreno não combinava com a formalidade rígida da mansão do presidente.

Estava gripado, novamente, e fungava enquanto falava.

Keilin olhou-o com hostilidade que horrorizava ele próprio; quase com um ódio fervente, no qual ele podia sentir os dedos se contorcerem num gesto de repressão.

Talvez não devesse ter vindo.. — Bem, não fazia nenhuma diferença; as ordens haviam sido bem claras. Se não tivesse vindo, teria sido trazido.

O novo presidente olhou-o firmemente: — Você tem de mudar sua atitude em relação a mim, Keilin. Sei que você me considera um dos coveiros da Terra — não foi essa a frase que você usou ontem à noite?

— Mas tem de me ouvir em silêncio por algum tempo. No seu estado atual de raiva contida, duvido que possa me ouvir.

— Ouvirei tudo o que o senhor tem a dizer, Sr. presidente.

— Bem — gentileza externa, pelo menos. Isto me dá alguma esperança. Ou você acha que há uma câmara de televisão nos observando?

Keilin apenas ergueu as sobrancelhas.

Moreno disse: — Não há. Estamos completamente sozinhos.

Temos de ficar sozinhos; caso contrário, como eu poderia lhe dizer que está sendo planejada a sua eleição como presidente com uma constituição que, atualmente, está sendo criada?

— Ei, o que foi?

Então, sorriu ao ver a palidez do rosto de Keilin.

— Ah, você não está acreditando. Bem, está além de sua compreensão. Mas, dentro de uma hora, você compreenderá.

— Eu deverei ser presidente? — Keilin disse com uma voz estranha e rouca.

Em seguida, com mais firmeza: — O senhor está louco.

— Não. Eu, não. Aqueles, lá, sim. Lá, nos Mundos Cósmicos. — Apareceu uma súbita intensidade nos olhos, rosto e voz de Moreno, a ponto de se esquecer que ele era um macaquinho de gente, eternamente gripado. Não se notavam as rugas em sua testa entrada. Sua calvície e suas roupas desajeitadas passavam despercebidas. Só havia um olhar brilhante e luminoso e uma incisão firme na voz. Isto você notava.

Keilin tentou alcançar uma cadeira, sem olhar, enquanto Moreno se aproximava e falava com uma intensidade crescente.

— Sim — disse Moreno. — Aqueles das Estrelas. Os semideuses.

Os grandiosos super-homens. Os donos fortes e bonitos da raça. Eles estão loucos.

Mas apenas nós, aqui na Terra, é que sabemos disso. — Ora, você sabe do Projeto Pacífico. Eu sei que sabe. Você o denunciou a Cellioni, certa vez, e o chamou de urna farsa. Mas não é uma farsa. E quase nada dele é segredo. Na verdade, o único segredo sobre ele é que quase nada dele era segredo.

— Você não é nenhum bobo, Keilin. Apenas nunca parou para pensar sobre isto.

Todavia, você estava no caminho certo. Havia captado a coisa toda. O que foi,

mesmo, que disse quando estava me entrevistando no programa? Alguma coisa sobre a atitude dos Mundos Cósmicos em relação aos homens terrestres ser a única falha na estabilidade dos primeiros. Foi isto, não foi? Ou algo parecido? Muito bem, então; bom! Naquela hora, você tinha em mente o primeiro terço do Projeto Pacífico e, afinal de contas, não era nenhum segredo, era?

— Pergunte a si mesmo, Keilin — qual era a atitude de um auroriano típico para com um terráqueo típico? Um sentimento de superioridade? Acho que isto é a primeira coisa que se pensa. Mas, digame, Keilin, se ele realmente se sentia superior, realmente superior, seria tão necessário a ele chamar tanta atenção para isto? Que espécie de superioridade é esta que precisa ser continuamente preservada pela repetição constante de palavras como “homens-macacos”, “subhomens”, “meio-animais da Terra”, e assim por diante? Esta não é a calma segurança interna da superioridade. Você gasta epítetos com vermes? Não, há alguma coisa a mais nisso tudo.

— Agora, vamos partir de outro ponto. Por que os turistas dos Mundos Cósmicos ficam em hotéis especiais, viajam em carros de chão fechados e têm normas rígidas contra a miscigenação social? Teriam medo da poluição? Estranho, então, que não tenham medo de comer nossa comida, beber nosso vinho e fumar nosso tabaco.

— Veja, Keilin, não há psiquiatras nos Mundos Cósmicos. Os super-homens estão, segundo eles mesmos dizem, muito bem ajustados. Mas aqui, na Terra, como diz o provérbio, há mais psiquiatras do que encanadores, e os primeiros têm muita prática.

Assim, somos nós, e não eles, que sabemos a verdade sobre este complexo de superioridade dos Mundos Cósmicos, que sabemos ser, simplesmente, uma reação violenta contra um sentimento irresistível de culpa.

— Você não acha que pode ser isto? Você está balançando a cabeça, como se discordasse. Não vê que um punhado de homens que se agarram a uma galáxia enquanto bilhões morrem de fome por falta de espaço tem que ter um sentimento subconsciente de culpa, seja lá qual for? E, como não repartem seu território conosco, não vê que, o único modo pelo qual podem se justificar e tentar convencer eles mesmos de que os terráqueos, afinal de contas, são inferiores, de que não merecem a galáxia, de que uma nova raça de homens foi criada e que nós, aqui, somos apenas os restos de uma raça velha que deveria morrer como os dinossauros, através do trabalho das leis naturais inexoráveis?

— Ah, se ao menos eles conseguissem se convencer disso, não se sentiriam mais culpados, apenas superiores. Só que não funciona; nunca funciona. Requer uma preservação constante; constante repetição e constante imposição. E, ainda assim, não convence muito.

— Melhor ainda, se ao menos conseguissem fingir que a Terra e sua população não existem. Portanto, quando visitar a Terra, evite os terráqueos, senão, eles podem fazêlo sentir-se mal, por não parecerem tão inferiores. As vezes, podem parecer miseráveis, nada mais. Ou, pior ainda, podem até parecer inteligentes — como aconteceu comigo, em Aurora.

— Casualmente, um habitante dos Mundos Cósmicos, como Moreanu, surgiu e foi capaz de reconhecer sua culpa, sem ter medo de assumi-la em voz alta. Falou do dever que os Mundos Cósmicos tinham para com a Terra — sendo assim, era perigoso para nós.

Pois, se outros o ouvissem e oferecessem alguma assistência à Terra, sua culpa poderia ter sido amenizada; e isto, mesmo sem uma ajuda duradoura à Terra.

— Assim sendo, Moreanu foi afastado pela nossa teia de aranha, deixando livre o

caminho para aqueles que estavam descontraídos, que se recusavam a admitir sua culpa, e cuja reação, portanto, poderia ser prevista e manipulada.

— Envia-lhes uma nota arrogante, por exemplo, e eles automaticamente reagem com um embargo inútil, que apenas nos dá o pretexto ideal para uma guerra. Então, perca a guerra rapidamente e será cortado da presença dos super-homens aborrecidos. Nenhuma comunicação, nenhum contato. Você não existe mais para aborrecê-los. Não é simples?

Não funcionou bem?

Keilin finalnente reencontrou a voz, porque Moreno, ao parar, deulhe tempo para isso. Disse:

— O senhor quer dizer que tudo isso foi planejado? O senhor instigou deliberadamente a guerra, com o propósito de separar a terra da Galáxia? O senhor enviou os homens de nossas tropas para morrerem porque queria uma derrota? Ora, o senhor é um monstro, um… um…

Moreno franziu a testa:

— Por favor, relaxe. Não foi tão simples quanto você está pensando, e eu não sou um monstro. Pensa que a guerra poderia ser simplesmente — instigada? Precisou ser alimentada delicadamente do jeito certo e para um final certo. Se tivéssemos sido os primeiros a se mover, se tivéssemos sido o agressor, se, de algum modo, tivéssemos jogado a culpa para o nosso lado — ora, eles, dos Mundos Cósmicos, teriam ocupado a

Terra e a desarmado. Não se sentiriam mais culpados, se nós cometêssemos um crime contra eles. Ou então, se fizéssemos uma guerra demorada, ou uma na qual causássemos prejuízos, eles conseguiriam se livrar da culpa.

— Mas não fizemos isto. Apenas prendemos contrabandistas aurorianos e, obviamente, estávamos no nosso direito. Tiveram de se lançar numa guerra por causa disto porque, somente assim, poderiam proteger sua superioridade, a qual, em troca, os protegia contra os horrores da culpa. E nós perdemos depressa. Quase nenhum auroriano morreu. A culpa aumentou sensivelmente e resultou exatamente no tratado de paz que os nossos psiquiatras haviam previsto.

— E quanto a mandar homens para a morte, isto é um lugar comum em todas as guerras — e uma necessidade. Era necessário fazer uma batalha e, naturalmente, tivemos perdas.

— Mas por quê? — interrompeu Keilin, violentamente.

— Por quê? Por quê? Por que toda essa papagaiada faz sentido para o senhor? O que é que ganhamos? O que é possível nós ganharmos com a situação atual?

— O que ganhamos, homem? Você me pergunta o que nós ganhamos? Você sabe do que a Terra tem precisado nestes últimos séculos. Você, certa vez, fez um esboço convincente da situação a Cellioni. Precisamos de uma sociedade de robôs positrônicos e uma tecnologia da energia atômica. Precisamos de produtos químicos agrícolas e de um controle da população. Bem, o que nos tem impedido de fazer isto? Apenas a tradição secular que diz que os robôs eram um mal porque privavam os seres humanos do trabalho, que o controle de população era simplesmente o assassinato de crianças não-nascidas, e assim por diante. E pior ainda, sempre houve a válvula de segurança da emigração

verdadeira ou esperada.

— Mas agora não podemos emigrar. Estamos presos aqui. Pior do que isso, fomos humilhantemente derrotados por um punhado de homens das estrelas, e fomos forçados a assinar um tratado de paz humilhante. A autopreservação freqüentemente submeteu-se a este tremendo desejo das pessoas de se igualarem às outras.

— E este é o segundo terço do Projeto Pacífico, o reconhecimento do motivo da vingança. Bem simples.

— E como podemos saber que é realmente assim? Ora, foi demonstrado um monte de vezes na história. Derrote uma nação, mas não a esmague inteiramente e, em uma ou duas ou três gerações, ela será mais forte do que antes. Por quê? Porque no intervalo, terão sido feitos sacrifícios pela vingança que não teriam sido feitos apenas por uma mera conquista.

— Pense! Roma venceu Cartago com bastante facilidade na primeira vez, mas quase foi derrotada na segunda. Toda vez que Napoleão derrotava a coalizão europeia, provocava uma outra um pouco mais difícil de se derrotar, até que ele próprio foi esmagado pela oitava.

Foram precisos quatro anos para se derrotar Wilhelm da Alemanha medieval, e mais seis anos muito mais perigosos para se fazer o mesmo com o seu sucessor, Hitler.

— Aí está! Até agora, a Terra precisou mudar o seu modo de vida apenas para ter maior conforto e felicidade. Um detalhe pequeno como este sempre podia esperar. Mas

agora, tem que mudar por vingança, e esta não vai esperar. E eu quero esta mudança por ela mesma.

— Só que — eu não sou o homem que deve liderá-la. Estou acabado com o fracasso do ano passado e permanecerei assim até virar um monte de pó, ou seja, até a Terra saber a verdade. Mas você.., você e outros como você sempre lutaram pela modernização. Você ficará encarregado dela. Pode levar centenas de anos. Poder ser que os netos dos homens que ainda não nasceram sejam os primeiros a vê-la. Mas, pelo menos, você verá o começo.

— Ei, o que você me diz disto?

Keilin estava sonhando. Parecia ver este sonho muito distante e enevoado — uma nova Terra renascida.

Mas a mudança de atitude era extrema demais. Não poderia ser feita imediatamente.

Balançou a cabeça. Disse: — O que o leva a pensar que os Mundos Cósmicos permitiriam tal mudança, supondo-se que aquilo que disse seja verdade? Eles estarão vigiando. Tenho certeza, e irão detectar um perigo crescente, pondo um fim nele. O senhor pode negar isto?

Moreno jogou a cabeça para trás e começou a rir, sem fazer barulho. Murmurou:

— Mas nós ainda temos o último terço do Projeto Pacifico, um terço sutil e irônico…

— Os homens dos Mundos Cósmicos chamam os homens da Terra de restos subhumanos de uma grande raça, mas nós é que somos os homens da Terra. Você percebe o que isto significa? Vivemos num planeta no qual, durante um bilhão de anos, a vida — a vida que culminou com a humanidade — tem se adaptado. Não há uma única parte microscópica do homem, nem o menor mecanismo em sua mente que não tenham como razão de ser uma pequena faceta da configuração física da Terra, ou da configuração biológica ou da configuração sociológica da sociedade que o cerca.

— Nenhum outro planeta pode substituir a Terra, com a forma atual do homem.

— Os Mundos Cósmicos são como são apenas porque pedaços da Terra foram transplantados. O solo foi levado para lá; plantas; animais, homens. Eles se mantêm cercados por uma geologia terrestre artificial, a qual tem em si, por exemplo, aqueles traços de cobalto, zinco e cobre de que a química humana precisa. Cercam-se de bactérias e algas vindas da Terra, as quais têm o poder de tornar úteis estes traços inorgânicos, exatamente da maneira certa e na quantidade certa.

— E eles mantêm esta situação através de contínuas importações — Importações supérfluas, segundo dizem — da Terra.

— Mas nos Mundos Cósmicos, mesmo cobertos pelo solo terrestre, não podem impedir a chuva de cair e os rios de correrem; de modo que há uma mistura inevitável, se é que lenta, com o solo nativo; uma contaminação inevitável das bactérias do solo terrestre pelas bactérias nativas, e uma exposição a uma atmosfera diferente e a radiações solares de tipos diferentes. As bactérias terrestres desapareceram ou se transformaram.

Então, a vida vegetal se transforma. E depois, a vida animal.

— Veja, nenhuma mudança grande. As plantas não se tornariam venenosas ou não-nutritivas em um dia, ou ano, ou década. Mas já agora, os homens dos Mundos Cósmicos conseguem detectar a perda ou mudança dos compostos que são responsáveis por aquela coisa infinitamente indefinida que chamamos de “sabor”. Já chegou a este ponto.

— E irá mais longe. Você sabe, por exemplo, que, em Aurora, quase que a metade das espécies bacteriológicas conhecidas tem o protoplasma baseado numa química fluorocarbônica, em lugar de uma química hidrocarbônica? Você consegue imaginar que ambiente estranho é este?

— Bem, já há duas décadas, os bacteriologistas e fisiologistas da Terra têm estudado as várias formas de vida dos Mundos Cósmicos — a única parte do Projeto Pacífico que é realmente secreta — e a vida terrestre transplantada já está começando a dar sinais de mudanças no nível subcelular. Até entre os humanos.

— E aqui está a ironia. Os humanos dos Mundos Cósmicos, com seu racismo rígido e sua política genética, estão consistentemente eliminando dentre eles qualquer criança que mostre sinais de adaptação ao seu planeta respectivo de qualquer modo que fuja às normas. Estão mantendo — eles têm de manter, como resultado de seus próprios processos de raciocínio — um critério artificial de humanidade “sadia”, que é baseado na química terrestre, e não na deles. — Mas agora que a Terra foi separada deles; agora que nenhuma gota do solo e da vida terrestre irá para lá, as mudanças vão se acumular.

Chegarão as doenças, a mortalidade aumentará, as anormalidades nas crianças vão se tornar mais freqüentes…

— E daí? — perguntou Keilin, ao ter alcançado o significado da coisa.

— E daí? Bem, eles são cientistas físicos — deixando as ciências inferiores, como a biologia, para nós. E não podem abandonar a sensação de superioridade e seu padrão arbitrário de perfeição humana.

Nunca detectarão a mudança, até que seja tarde demais para lutarem contra ela.

Nem todas as mutações são claramente visíveis, e haverá uma revolta crescente contra os costumes destas sociedades rígidas.

Haverá um século de tumultos físicos e sociais crescentes, o que impedirá qualquer interferência por parte deles em nossa vida.

— Teremos um século de reconstrução e recivilização, e, no final dele, deveremos encontrar uma outra galáxia que estará morrendo ou mudada. No primeiro caso, construiremos um segundo império terrestre, com mais sabedoria e conhecimento do que no primeiro; um império baseado numa Terra forte e modernizada.

— No segundo caso, encontraremos, talvez, dez, vinte, ou até cinqüenta Mundos Cósmicos, cada um com uma espécie de Homem ligeiramente diferente do outro.

Cinqüenta espécies de humanoides, não mais unidos contra nós, cada uma delas progressivamente adaptada ao seu próprio planeta, cada uma com uma tendência suficiente ao atavismo para amar a Terra, para olhá-la como a Grande Mãe original.

— E o racismo estará morto, pois a variedade, e não a uniformidade, será a grande realidade da humanidade. Cada tipo de Homem terá um mundo seu, que nenhum outro mundo poderá substituir e no qual nenhuma outra espécie poderá viver bem adaptada. E outros mundos poderão ser colonizados para originarem mais variedades ainda, até que, pela grande mistura intelectual, a Mãe Terra terá, finalmente, criado não um simples império terrestre, mas um império galáctico.

Keilin, fascinado, disse:

— O senhor prevê tudo isto com tanta segurança!

— Não há nada realmente certo; mas as melhores mentes da Terra concordam com tudo isto. Talvez haja pedras imprevistas no caminho, mas será a façanha de nossos netos removê-las. Quanto à nossa façanha, uma fase já foi concluída com sucesso; e outra fase está começando. Junte-se a nós, Keilin.

Lentamente Keilin começou a pensar que, afinal de contas, talvez Moreno não fosse um monstro.

Não é a última palavra!…

Isaac Asimov

Nicholas Orloff ajustou o monóculo no olho esquerdo, com toda a incorruptível britanicidade de um russo educado em Oxford e disse acusadoramente:

— Mas, meu caso Sr. Secretário! Meio bilhão de dólares!

Leo Birman deu de ombros, com o ar de cansaço, deixando o corpo magro afundar-se mais na cadeira.

— A verba tem de ser aprovada, Comissário. O governo Provincial, aqui em Ganimedes, está ficando desesperado. Até agora tenho conseguido segurá-los, mas, como secretário de assuntos científicos, meus poderes são reduzidos.

— Eu sei, mas…

Orloff abriu as mãos, como querendo mostrar sua impotência.

— Suponho que seja assim — concordou Birmam. — O governo do Império acha mais fácil olhar para outro lado. Tem feito isso, constantemente, até agora. Há mais de um ano que tento fazê-los compreender a natureza do perigo que paira sobre todo o Sistema, mas parece que isso não pode ser feito. Por isso estou apelando para o senhor, Senhor Comissário. O senhor é novo no posto e pode encarar este assunto jupiteriano com olhos isentos de preconceitos.

Orloff tossiu e olhou para a ponta de suas botas. Em três meses, desde que sucedera a Gridley como comissário colonial, fizera entrar em discussão tudo o que se relacionava com “esses malditos jupiterianos”.

Isso fora de acordo com a política do gabinete já estabelecida, que rotulara o caso jupiteriano como “amolação”, muito antes de ele ter tomado posse.

Mas agora que Ganimedes estava ficando importuna, fora enviado a Jovópolis, com instruções de pôr os “malditos provincianos” no seu lugar.

Era uma situação desagradável. Birmam estava falando:

— O governo Provincial chegou ao ponto em que, de fato, precisa tanto de dinheiro, que se não o conseguir vai levar tudo a público.

A fleuma de Orloff desapareceu completamente. Apanhou o monóculo quando este se desprendeu do olho.

— Meu caro senhor! — exclamou. — Sei o que isso significaria. Tenho me pronunciado contra isso, mas eles têm razão. Uma vez que o caso jupiteriano seja divulgado, uma vez que o público tomar conhecimento, o governo do Império não se agüentar. lá em cima nem uma semana. E quando os Tecnocratas tomarem o poder, eles nos darão o que pedirmos. A opinião pública se encarregará disso!

— Mas, também criarão pânico e histeria…

— Certamente! E é por isso que hesitamos. Mas o senhor poderá chamar isto de um ultimato. Nós queremos sigilo, precisamos de sigilo, mas precisamos de dinheiro, ainda mais.

— Compreendo. — Orloff estava pensando com rapidez e as conclusões que tirou não foram agradáveis.

— Nesse caso — disse —, seria aconselhável investigar o assunto mais um pouco.

Se tiver os documentos referentes às comunicações com Júpiter…

— Eu os tenho — retrucou Birmam secamente —, e também os tem o governo Imperial em Washington. Isso não adianta, Comissário. Isso já foi ruminado por funcionários da Terra nesse último ano e não nos levou a parte alguma. Quero que venha comigo até a Estação Ether.

O ganimediano levantara-se da cadeira e, do alto dos seus dois metros, olhava com intensidade e fúria para Orloff.

Este corou.

— Está me dando ordens? — perguntou.

— De um certo modo, sim… Digo-lhe que não há tempo. Se tiver intenção de agir, deve fazê-lo rapidamente ou então não faça nada. — Birmam fez uma pausa e acrescentou: — Não se importa de caminhar, espero. Os veículos elétricos, em geral, estão proibidos de se aproximar da Estação Ether e poderei aproveitar a caminhada para explicar alguns dos fatos. Fica apenas a uns três quilômetros.

— Posso caminhar — foi a resposta seca.

A subida, até o nível do subsolo, foi feita em silêncio, só quebrado por Orloff quando entraram na antessala fracamente iluminada.

— Está bem frio aqui.

— Eu sei. É difícil manter a temperatura normal tão perto da superfície. Mas estará mais frio lá fora. Veja! Com um pontapé Birmam abrira a porta de um armário e apontava para os trajes dependurados no teto.

— Vista-os. Vai precisar deles.

Orloff examinou-os com ar de dúvida.

— São suficientemente pesados?

Birmam respondeu, enquanto se metia na sua roupa:

— São aquecidos eletricamente. Vai achá-los suficientemente quentes. Isso mesmo! Meta as pernas das calças dentro das botas e aperte os cordões, bem apertados.

Voltou-se e, então, com um resmundo, apanhou um par de cilindros de gás comprimido da sua prateleira, num canto do armário.

Verificou o dial e depois abriu o registro.

Ouviu-se o silvo fininho do gás que escapava e, com isso, Birmam deu um suspiro de alívio.

— Sabe como fazer um destes negócios funcionar? — perguntou, quando atarraxava, no orifício da jaqueta, um tubo flexível de malha de metal, em cuja outra extremidade havia um curioso objeto curvo de vidro transparente.

— O que é isso? — Um bocal de oxigênio! O que existe na atmosfera em Ganimedes é composto de argônio e nitrogênio — quase meio a meio. Não é, particularmente, respirável. — Levantou o par de cilindros, colocou-os nas costas de Orloff e apertou as correias.

Orloff cambaleou. — É pesado — disse. — Não poderei andar três quilômetros com isto!

— Não será pesado lá fora — respondeu Birmam, com indiferença, apontando para

cima e abaixando o bocal por cima da cabeça de Orloff.

— Apenas lembre-se de inspirar pelo nariz, expirar pela boca e não terá dificuldades. E, por falar nisso, o senhor comeu nas últimas horas?

— Almocei antes de vir até o seu gabinete.

Birmam fungou, hesitando. — Bem… isto torna as coisas um pouco difíceis. — Tirou, de um dos bolsos, uma caixinha de metal e jogou-a para o comissário.

— Ponha uma dessas pílulas na boca e fique chupando.

Orloff trabalhou, desajeitado, com os dedos enluvados, para abrir a caixa; finalmente conseguiu pegar uma pequena esfera e metê-la na boca.

Seguiu Birmam por uma rampa, suavemente inclinada.

O fundo do beco — que era um corredor — deslizou silenciosamente quando o alcançaram e ouviu-se um sussurro, quando o ar fugiu para a atmosfera mais rala de Ganimedes.

Birnam pegou o cotovelo do comissário, quase arrastando-o para fora. — Abri os tanques ao máximo! — gritou. — Respire fundo e continue chupando essa pílula.

A gravidade voltara ao normal ganimediano, quando cruzaram o limiar e Orloff, depois de um horrível momento de aparente levitação, sentiu o estômago dar uma cambalhota e explodir.

Engasgou e remexeu a pílula dentro da boca com a língua, numa desesperada tentativa de controlar-se.

A mistura rica de oxigênio, que saia dos cilindros, queimou sua garganta e, finalmente, Ganimedes firmou-se. Seu estômago voltou, estremecendo, para o lugar.

Tentou andar.

— Vá com calma — disse Birnam, com voz tranqüila. — Produz esse efeito as primeiras vezes que o senhor muda de campos gravitacionais com muita rapidez. Ande devagar e pegue o ritmo ou levará um tombo.

Isso mesmo, o senhor está pegando o jeito agora.

O chão parecia elástico.

Orloff podia sentir a pressão do braço do seu companheiro, que o empurrava para baixo a cada passo, para evitar que pulasse muito alto.

Agora, as passadas eram mais longas — e mais baixas — à medida que ele pegava o ritmo.

Birnam continuou falando, a voz um pouco abafada, atrás da aba de couro, meio solta, que lhe cobria a boca e o queixo.

— Cada um no seu mundo — disse sorrindo. — Visitei a Terra, com minha mulher, há alguns anos atrás e passamos maus bocados. Não conseguíamos aprender a andar na superfície do planeta, sem uma máscara. Engasgava, realmente, engasgava. A luz do sol era brilhante demais, o céu azul demais e a grama verde demais. E os prédios todos eram acima da superfície. Nunca vou esquecer quando tentaram levar-me para dormir num quarto, vinte andares no ar, com a janela escancarada e a lua brilhando para dentro do aposento. Voltei na primeira nave espacial que passou e espero nunca mais voltar. Como se sente agora?

— Ótimo! Esplêndido! — Agora, que o primeiro desconforto desaparecera, Orloff achou a baixa gravidade estimulante. Olhou em volta.

O terreno ondulante e acidentado, banhado de uma luz amarela, estava coberto de arbustos atarracados, com folhas largas que demonstravam uma disposição ordenada e cuidadoso cultivo.

Birnam respondeu a pergunta não formulada: — Há suficiente dióxido de carbono no ar para manter as plantas vivas e todas têm a capacidade de fixar o nitrogênio atmosférico. Isso é o que faz da agricultura a maior indústria de Ganimedes. Essas plantas valem seu peso em ouro lá na Terra, como fertilizantes, e valem o dobro ou o triplo disso, como fontes de meia centena de alcaloides, que não podem ser conseguidos em nenhuma parte do Sistema. E, naturalmente, todos sabem que a folha-verde ganimediana bate de longe o tabaco da Terra.

Ouviu-se o zunbido de um foguete estratosférico, lá no alto, na atmosfera rala e Orloff olhou para cima.

Parou — estacou — e esqueceu de respirar! Era sua primeira visão de Júpiter no céu. Uma coisa é ver Júpiter, friamente, contra o fundo de ébano no espaço. A novecentos e sessenta mil quilômetros já era bem majestoso.

Mas, em Ganimedes, apenas aflorando por cima das colinas, seus contornos suavizados e ligeiramente indistintos pela atmosfera rala, brilhando suavemente, num céu violeta, onde apenas algumas estrelas fugitivas ousavam competir com o gigante jupiteriano — não pode ser descrito por uma combinação concebível de palavras.

A princípio, Orloff absorveu aquele enorme disco convexo, em silêncio. Era gigantesco, trinta e duas vezes o diâmetro aparente do sol, visto da Terra. Suas listras se destacavam em desbotadas faixas de cor, contra o amarelo do funto; em volta da Grande Mancha Vermelha, havia um borrão oval, alaranjado, próximo à borda oeste.

Finalmente, Orloff mummurou debilmente: — Que beleza!

Leo Birnam fitou também o planeta, mas nos seus olhos não havia admiração.

Tinham, ao contrário, a fadiga mecânica do hábito de ver uma coisa com muita freqü.ncia e, além disso, uma expressão de profundo nojo. A aba do queixo cobria-lhe o sorriso nervoso, mas a pressão que fazia no braço de Orloff deixava marcas, mesmo através da fazenda grossa do traje de superfície.

Disse pausadamente: — É a visão mais horrível de todo o Sistema.

Orloff voltou, com relutância, sua atenção para o companheiro.

— O quê? — perguntou, acrescentando, mal-humorado: — Ah, sim, esses misteriosos jupiterianos.

Com isso, o homem de Ganimedes deu-lhe as costas, com raiva e começou a andar mais depressa, dando passadas de quatro metros e meio.

Orloff seguiu-o, desajeitado, mantendo o equilíbrio com dificuldade.

— Ei, espere! — disse, ofegante.

Mas Birnam não estava escutando. Falava friamente, com amargura. — Vocês da Terra não podem se dar ao luxo de ignorar Júpiter. Não sabem nada a seu respeito. É apenas um pontinho de luz no seu céu, uma titiquina de mosca. Vocês não moram aqui em Ganimedes, sempre a observar esse maldito colosso que parece olhar-nos com maligna satisfação. Por mais de quinze horas — escondendo Deus sabe o quê na sua superfície. Escondendo alguma coisa que espera e espera e tenta sair de lá. Como uma bomba gigante, esperando para explodir!

— Tolice! — conseguiu dizer Orloff. — Quer andar mais devagar? Não posso acompanhá-lo!

Birnam diminuiu o passo. Com voz tensa disse: Todos sabem que Júpiter é habitado, mas praticamente ninguém se detém para pensar o que isto significa. Digo-lhe que esses jupiterianos, seja lá o que forem, nasceram para a púrpura. Eles são os soberanos naturais do Sistema Solar!

— Histeria pura — resmungou Orloff. — O governo do Império não tem escutado outra coisa do seu Domínio por mais de um ano.

— E vocês não ligaram. Bem, escute! Júpiter, descontando a espessura da sua atmosfera colossal, tem um diâmetro de cento e vinte e oito quilômetros. Isso quer dizer que possui uma superfície com vezes maior do que a da Terra e mais de cinqüenta vezes maior do que o Império Terrestre. Sua população, seus recursos, seu potencial de guerra estão na mesma proporção.

— Apenas números…

— Sei o que quer dizer — continuou Birnam arrebatadamente. — As guerras não são feitas com números, mas com ciência e organização. Os jupiterianos têm ambas.

Durante o quarto de século em que nos comunicamos com eles, aprendemos bastante.

Eles têm poder atômico e têm o rádio. E num mundo de amoníaco sob grande pressão — um mundo, em outras palavras, um mundo no qual nenhum dos metais pode existir, como metal, por tempo algum, devido à tendência de formar complexos de amoníaco — conseguiram construir uma civilização complicada. Isso significa que tiveram de trabalhar sem plásticos, vidros, silicatos e materiais de construção sintéticos de qualquer espécie.

Isso significa uma química tão desenvolvida quanto a nossa, e posso apostar que foi desenvolvida ainda mais.

Orloff esperou, bastante tempo, antes de responder.

Então, disse: — Mas quanta certeza têm vocês sobre a última mensagem dos jupiterianos? Nós, lá da Terra, estamos inclinados a duvidar que os habitantes de Júpiter possam ser tão teimosamente beligerantes quanto vocês os descrevem.

O ganimediano deu uma risada seca. — Eles cortaram toda comunicação depois da última mensagem, não foi? Isso lhes parece amistoso da parte deles? Posso assegurar-lhe que todos ficamos carecas, tentando entrar em contado com eles. — Birnam fez uma pausa.

— Olhe aqui, não diga mais nada! — exclamou o ganimediano para depois continuar falando: — Deixe-me explicar-lhe uma coisa. Durante vinte e cinco anos, aqui em Ganimedes, um pequeno grupo de homens trabalhou penosamente, tentando entender e encontrar algum significado nuns cliques variáveis, distorcidos pela gravidade e cheios de estática, nos seus aparelhos de rádio, pois esses cliques eram a única ligação com a inteligência viva em Júpiter. Foi muito trabalho para um mundo de cientistas, mas nunca tivemos mais do que duas dúzias deles de uma só vez, aqui na Estação. Fui um deles, desde o começo e, como filólogo, tive minha parte em ajudar a construir e interpretar o código que se desenvolveu entre nós e os jupiterianos: portando, pode ver que estou falando com conhecimento de causa. Foi um diabo de trabalho doloroso.

Transcorreram cinco anos antes que passássemos além dos cliques elementares da aritmética: três e quatro somam sete; a raiz quadrada de vinte e cinco é igual a cinco; seis fatorial é setecentos e vinte. Depois disso, de vez em quando passavam-se meses até que pudéssemos verificar qualquer nova comunicação de apenas um único fragmento de pensamento. Mas — e este é o ponto — quando os jupiterianos romperam as relações nós os compreendemos completamente Não havia margem de estarmos errados na interpretação mais do que Ganimedes de se desprender de Júpiter. Sua última mensagem foi uma ameaça e uma promessa de destruição. Oh, não há dúvida — não há dúvida.

Ambos continuaram andando a atravessaram um desfiladeiro, não muito fundo, onde a luz amarela de Júpiter dava lugar a uma escuridão úmida e pegajosa.

Orloff estava perturbado. Nunca ninguém, lhe apresentara o caso desta forma antes.

— Mas, a razão, homem. Que motivos lhes demos…? — perguntou.

— Nenhum motivo! Foi simplesmente isto: os jupiterianos descobriram, através de nossas mensagens — como e quando não sei — que nós não somos jupiterianos.

— Bem, isso é claro.

— Não foi "é claro" para eles. Nas suas experiências nunca haviam encontrado inteligências que não fossem jupiterianas. Por que deveriam fazer uma exceção em favor daquelas do espaço exterior?

— Você disse que eram cientistas. — A voz de Orloff tomara uma frieza cautelosa. — Não teriam percebido que ambientes alienígenas criariam vida alienígena?

— continuou. — Nós sabemos. Nunca pensamos que os jupiterianos fossem terráqueos, embora nunca tivéssemos encontrado outras inteligências que não fossem as da Terra.

Estavam de novo sob a luz encharcante de Júpiter e estendia-se à frente uma vasta região plana de gelo que cintilava, ambarino, uma depressão à direita.

Birnam respondeu:

— Diria que são químicos e físicos — mas nunca disse que eram astrônomos.

Júpiter, meu caro Comissário, tem uma atmosfera de quatrocentos quilômetros ou mais de espessura e esses quilômetros de gás bloqueiam tudo, a não ser o sol e as quatro maiores luas de Júpiter. Os jupiterianos não sabem nada a respeito de ambientes alienígenas.

Orloff refretiu.

— Então eles decidiram que nós éramos alienígenas. E que mais?

— Se não éramos jupiterianos, então, aos seus olhos, não éramos pessoas.

Acontece que um ser não jupiteriano era, por definição, um “verme”.

O protesto automático foi cortado bruscamente por Birnam.

— Aos seus olhos, eu disse, éramos realmente vermes; e vermes nós somos. Além disso, éramos vermes com a estranha audácia de querer ombrear-nos com jupiterianos!

Com seres humanos! Sua última mensagem foi esta, palavra por palavra: “Os jupiterianos são os senhores. Não há lugar para vermes. Vamos destruí-los, imediatamente.”

Duvido que houvesse qualquer animosidade naquela mensagem; simplesmente, uma fria declaração do fato. E eles não estavam brincando.

— Mas, por quê?

— Por que foi que o homem exterminou a mosca?

— Ora, vamos… O senhor não está, seriamente, apresentando uma analogia dessa natureza?

— E por que não? Visto que é uma certeza de que os jupiterianos nos consideram uma espécie de mosca; um tipo de mosca insuportável, que tem a veleidade de aspirar à inteligência.

Orloff fez uma última tentativa: — Mas verdadeiramente, Sr. Secretário, parece impossível que vida inteligente adote uma tal atitude.

— O senhor possui algum conhecimento de algum outro tipo de vida inteligente para julgar a psicologia jupiteriana? Sabe quão alienígenas, fisicamente, deverão ser os jupiterianos? Pense apenas no seu mundo, com duas vezes e meia a gravidade da Terra; com seus oceanos de amoníaco; oceanos nos quais você poderia jogar a Terra sem causar um “splash” respeitável; com sua atmosfera de quatro mil e oitocentos quilômetros de espessura, puxados para baixo pela colossal gravidade, dentro de espessuras e pressões das camadas da sua superfície, que fariam os fundos dos mares terrestres parecer com vácuos de mediana espessura. Vou lhe dizer, tentamos imaginar que espécie de vida poderia existir sob tais condições e desistimos. É inteiramente inimaginável. Espera, então, que sua mentalidade seja mais compreensível? Nunca! Aceite as coisas como são.

Eles têm a intenção de destruir-nos. Isso é tudo o que sabemos e tudo o que precisamos saber. Terminou de falar e, levantando a mão enluvada, apontou.

— Ali, bem à frente está a Estação Ether.

Orloff virou a cabeça. — Subterrânea? — perguntou.

— Certamente! Tudo menos o Observatório. É aquela cúpula de aço e quartzo à direita: a pequena.

Haviam parado em frente de duas grandes pedras arredondadas que flanqueavam um aterro. De trás de cada uma, um soldado com máscara, vestido em larenja de Ganimedes, com sua arma pronta, avançou para os dois homens.

Birnam levantou o rosto, para que a luz jupiteriana caísse sobre ele. Os soldados fizeram continência e deram um passo atrás, para deixá-los passar.

Uma palavra breve dada asperamente no microfone de pulso de um deles e a abertura camuflada, entre as duas pedras, abriu-se e Orloff, seguido do secretário, entrou pela porta escancarada do compartimento de ar.

O terráqueo lançou um último olhar à figura dominante de Júpiter antes que a porta se fechasse e cortasse, completamente a visão da superfície. Já não parecia tão belo.

Orloff não se sentiu novamente tão normal até que se encontrou sentado na poltrona, excessivamente estofada, no gabinete particular do Dr. Edward Prosser. Com um suspiro de relaxamento completo colocou o monóculo sob a sobrancelha.

— Será que o Dr. Prosser se importaria que eu fumasse enquanto esperamos? —

perguntou.

— Vá em frente — respondeu Birnam displicente.

— Minha ideia seria arrancar Prosser do que quer que ele esteja mexendo agora, mas ele é um cara esquisito. Conseguiremos extrair mais dele se esperarmos até que esteja pronto para nós.

Retirou um charuto nodoso, esverdeado, da sua caixa e mordeu a ponta com gana.

Orloff sorriu por trás da fumaça do seu cigarro.

— Não me importa esperar. Terei alguma coisa para dizer. O senhor, vê, Sr.

Secretário, o senhor assustou-me, mas, afinal de contas… vá lá que os jupiterianos pensem em nos fazer mal, uma vez que cheguem até nós…

— Continua sendo um fato — e aqui ele espaçou as palavras, enfatizando-as — que eles não podem chegar até nós.

— Uma bomba sem pavio, não é?

— Exatamente! É a própria simplicidade e que nem vale a pena discutir. O senhor admitirá, suponho, que sob nenhuma circunstância os jupiterianos podem sair de Júpiter.

— Sob nenhumas circunstâncias? — havia um tom irônico na lenta resposta de Birnam.

— Vamos analisar isso? Olhou fixamente para a chama violeta do seu charuto.

— É um velho ditado, já batido, dizer que os jupiterianos não podem sair de Júpiter. Foi dada muita publicidade a esse fato pelos adeptos do sensacionalismo da Terra e de Ganimedes e muito sentimento foi esbanjado sobre as infelizes inteligências que estavam presas irremediavelmente à superfície do planeta e deviam fitar e indagar para sempre o Universo exterior sem nunca, nunca alcançá-lo. Mas, afinal de contas, o que é que mantém os jupiterianos presos ao seu planeta? — continuou Birnam.

— Dois fatores! Só isso! O primeiro é o imenso campo gravitacional do planeta; duas vezes e meia maior do que a da Terra.

Orloff assentiu com a cabeça.

— Bem ruim! — concordou.

— E o potencial gravitacional de Júpiter é ainda pior, pois, devido a seu maior diâmetro, a intensidade do seu campo gravitacional decresce com a distância, somente um décimo da rapidez do que acontece com o campo gravitacional da Terra. É um problema terrível… mas pode ser solucionado.

— O quê? — exclamou Orloff, ficando ereto na cadeira.

— Eles têm potencial atômico. A gravidade — mesmo a de Júpiter — não significa nada, uma vez que se ponha o núcleo atômico instável a trabalhar para a gente.

Orloff esmagou o seu cigarro no cinzeiro com um gesto nervoso.

— Mas a atmosfera deles…

— Sim, e é isso o que os está detendo. Estão vivendo no fundo de um oceano de quatro mil e oitocentos quilômetros de atmosfera, onde o hidrogênio, de que é composta, está em colapso puramente pela pressão, atingindo algo assim como a densidade do hidrogênio sólido.

Permanece um gás porque a temperatura de Júpiter está acima do ponto crítico de hidrogênio, mas tente apenas calcular a pressão que pode fazer do hidrogênio um gás uma vez e meia mais pesado do que a água. Ficará surpreso com a quantidade de zeros que terá que colocar.

Nenhuma espaçonave de metal ou de qualquer outra matéria pode suportar a pressão. Nenhuma nave espacial terráquea pode pousar em Júpiter sem ser esmagada como uma bolha de sabão. Esse problema ainda não foi resolvido, mas o será algum dia.

Talvez amanhã, talvez só daqui a cem anos ou mil. Não sabemos, mas, quando o for, os jupiterianos estarão em cima de nós. E pode ser solucionado de modo específico.

— Eu não vejo…

— Campos de força! Nós os temos agora, o senhor sabe.

— Campos de força! — Orloff pareceu verdadeiramente atônito.

Mastigou as palavras repetidas vezes para si durante alguns instantes.

— São utilizados como escudos para naves, contra meteoros, nas zonas dos asteroides; mas não vejo a sua aplicação para o problema de Júpiter.

— O campo de força comum — explicou Birnam — é uma zona fraca e rarefeita de energia, que se estende por mais de cento e sessenta quilômetros fora da nave.

Defende-a dos meteoritos, mas é apenas éter vazio para um objeto tal como uma molécula de gás. Mas, o que aconteceria se tomássemos essa mesma zona de energia e a comprimíssemos até a espessura de um vigésimo de centímetro? As moléculas quicariam como isto — ping-g-g! E, se utilizássemos geradores mais fortes e comprimíssemos o campo a cinqüenta por cento de um centímetro, as moléculas quicariam quando forçadas pela inimaginável pressão da atmosfera de Júpiter — e então, se construíssemos uma nave dentro… — Ele deixou a frase pendente.

Orloff estava pálido. — Não está querendo me dizer que pode ser feito?

— Pode apostar o que quiser que os jupiterianos estão tentando fazê-lo. E nós estamos tentando fazê-lo aqui na Estação Ether. O comissário colonial puxou a cadeira para mais perto de Birnam e agarrou o pulso do ganimediano.

— Por que é que não podemos bombardear Júpiter com bombas atômicas? Fazer um serviço completo é o que quero dizer! Com sua gravidade e sua área de superfície não podemos errar. Birnam sorriu palidamente.

— Já pensamos nisso. Mas bombas atômicas apenas fariam buracos na sua atmosfera. E, mesmo que se pudesse penetrar, experimente dividir a superfície de Júpiter pela área de destruição de uma única bomba e calcule quantos anos deveríamos bombardear Júpiter à

razão de uma bomba por minuto até que pudéssemos começar a causar danos apreciáveis. Júpiter é grande! Nunca esqueça disso!

Seu charuto se apagara, mas Birnam não parou para acendê-lo.

Continuou a falar numa voz baixa e tensa:

— Não, não podemos atacar os jupiterianos enquanto estiverem em Júpiter. Temos que esperar que eles saiam — e uma vez que o fizerem eles nos superarão em números.

Uma terrível e desanimadora superioridade — por isso precisamos ter a superioridade sobre eles na ciência.

— Mas — interrompeu Orloff. Sua voz evidenciava uma nota de horror e fascínio.

Mas como podemos saber de antemão o que eles farão?

— Não podemos. Temos de juntar todos os meios de que pudermos lançar mão e confiar na sorte. Mas há uma coisa que realmente sabemos, e isso são os campos de força.

Eles não podem sair sem eles. E se os tiverem, nós também devemos tê-los e este é o problema que estamos tentando solucionar aqui. Os campos não nos assegurarão a vitória, mas sem eles nós certamente sofreremos uma derrota certa. E agora o senhor sabe por que precisamos de dinheiro — e mais do que isso. Queremos que a própria Terra comece a trabalhar. Precisa começar uma campanha de armamentos científicos e subordinar tudo o mais a isso. Está vendo?

Orloff ficou de pé. — Birnam, estou com vocês… cem por cento com vocês. Pode contar comigo lá em Washington. Não havia como duvidar de sua sinceridade. Birnam agarrou a mão que o Comissário lhe estendia e apertou-a calorosamente — e, nesse momento, a porta foi aberta de um golpe e um homem — um pequeno duende — irrompeu na sala.

O recém-chegado falou em rápidos arrancos, dirigindo-se apenas a Birnam: — De onde veio? Estou tentando, há horas, entrar em contado com você. Sua secretária disseme que você não estava. E cinco minutos depois você aparece em pessoa. Não compreendo. — Atarefou-se furiosamente com o que havia em cima de sua mesa.

Birnam sorriu. — Se puder dispor de um pouco de tempo, Doc — disse —, poderia dizer alô para o Comissário Colonial Orloff.

O Dr. Edward Prosser girou na ponta dos pés, como um dançarino de balé e olhou para o terráqueo de cima a baixo, duas vezes. — O novato, hem? Vamos conseguir dinheiro? Deviríamos. Temos trabalhado com migalhas até agora. E, assim mesmo, talvez não precisaremos de nenhum. Tudo depende.

Voltou logo a sua atenção para a mesa de trabalho. Orloff pareceu um tanto

desconcertado, mas Birnam piscou solenemente e ele contentou-se em olhar fixamente através do seu monóculo.

Prosser puxou com vivacidade um pequeno livro encapado de couro preto de dentro das profundezas de um escaninho, jogou-se sobre uma cadeira giratória e deu meia volta.

— Estou satisfeito que tenha vindo, Birnam — disse, folheando o livrinho.

— Tenho algo para lhe mostrar. Ao Comissário Orloff também.

— Por que é que nos deixou esperando? — perguntou Birnam. — Onde estava?

— Ocupado! Ocupado como um porco! Não durmo há três noites. — Levantou os olhos e o seu pequeno rosto franzido ruborizou-se de prazer. — Tudo se ajustou perfeitamente de uma hora para outra. Como um quebra-cabeças. Nunca vi nada igual.

Manteve-nos pulando, é o que lhe digo.

— Conseguiu os campos de força densos que procurava? — perguntou Orloff, com súbita excitação.

Prosser pareceu aborrecido.

— Não, isso não. Outra coisa. Venha. — Olhou com ferocidade para o relógio e, de um pulo, ficou de pé. — Temos meia hora. Vamos!

Uma pequena viatura, movida a eletricidade, esperava do lado de fora.

Prosser falava excitadamente enquanto acelerava o veículo, que ronronava como um gato pelas rampas até as entranhas da Estação.

— Teoria! — exclamou. — Teoria! Tremendamente importante, isso.

Ponha um técnico num problema. Ele fuçará um pouco tentando resolvê-lo.

Desperdiçará vidas inteiras. Não chegará a parte alguma. Apenas fuçará sem rumo.

Um verdadeiro cientista trabalha com teoria. Deixa a matemática resolver seus problemas.

Prosser transbordava de autossatisfação.

A viatura parou, com precisão diante de uma enorme porta dupla e Prosser jogouse para fora, seguido dos outros dois que andavam com mais lentidão.

— Por aqui! Por aqui! — disse.

Empurrou a porta e guiou-os, corredor abaixo, por um lanço de escadas estreito, até uma galeria que circundava um poço onde se via um salão de três níveis.

Orloff reconheceu o elipsoide de aço brilhante e quartzo, de onde brotavam vários tubos, como sendo um gerador atômico. Ajustou o monóculo e observou a atividade intensa lá embaixo.

Um homem de fones nos ouvidos, sentado num banco alto, diante de um painel de controle cheio de mostradores, levantou o rosto e abanou para eles. Prosser respondeu com outro abano e sorriu.

Orloff disse: — Vocês criam seus campos de força aqui?

— Isso mesmo! Já viu algum?

— Não. — O comissário sorriu tristemente. — Nem mesmo sei o que um campo é, só sei que pode ser usado como um escudo contra meteoritos.

Prosser explicou: — É simples. Elementar. Toda matéria é composta de átomos.

Os átomos são mantidos juntos por forças interatômicas. Tire os átomos. Deixe a força interatômica. Isso é um campo de força.

Orloff demonstrava não ter compreendido nada e Birnam deu um risinho no fundo da garganta e coçou a parte de trás da orelha.

— Essa explicação me lembra do nosso método ganimediano de suspender um ovo no ar a dois quilômetros de altura. É mais ou menos assim: Encontra-se uma montanha de dois quilômetros de altura e coloca-se o ovo bem no topo. Então, mantendo o ovo onde está, retira-se a montanha. É só isso.

O comissário colonial jogou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada e o irascível Dr. Prosser franziu os lábios, num gesto de desaprovação.

— Ora, ora. Nada de piadas, é o que lhe digo. Os campos de força são extremamente importantes. Devermos estar prontos para enfrentar os jupiterianos quando eles vierem.

Um súbito som áspero e rascante chegou lá de baixo, fazendo o Dr. Prosser deixar a balaustrada.

— Fiquem atrás do biombo, aqui — balbiciou.

— O campo de vinte milímetros está a aumentar. Radiação perigosa.

O brr-r-r abafou-se, quase até o silêncio, e os três voltaram ao passadiço.

Não se notava nenhuma mudança aparente, mas Prosser segurou a balaustrada e disse:
— Sintam!

Orloff esticou um dedo cauteloso, teve um sobressalto e bateu com a palma da mão. Era como fazer pressão numa esponja de borracha fofa ou em molas superelásticas.

Birnam também tentou.

— Isso é o melhor que temos conseguido até agora, não é? — disse e explicou para Orloff: — um biombo de vinte milímetros pode conter a atmosfera com uma pressão de vinte milímetros de mercúrio contra um vácuo, sem vazamento perceptível.

O comissário balançou a cabeça. — Compreendo! Então é necessário um biombo de setecentos e sessenta milímetros para conter a atmosfera da Terra.

— Sim! Isso seria uma unidade de biombo atmosférico. Bem, Prosser, é isto que o deixa tão excitado?

— Este biombo de vinte milímetros? Absolutamente. Posso subir até duzentos e cinqüenta milímetros, utilizando pentassulfeto de vanádio na desintegração de prasiodímio. Mas não é necessário. Os técnicos o fariam e explodiriam o lugar, Um cientista verifica a teoria e vai devagar.

Piscou os olhos e continuou: — Estamos aumentando o campo agora. Observem!

— Vamos para trás do biombo?

— Não é necessário agora. Radiação só é perigosa no começo.

O brr-r-r começou novamente, mas não tão alto como antes.

Prosser gritou para o homem do painel que respondeu abanando com a mão aberta.

Depois o homem do painel sacudiu com o punho fechado e Prosser gritou: — Passamos dos cinqüenta milímetros! Sintam o campo!

Orloff estendeu a mão e cutucou com curiosidade. A esponja de borracha endurecera! Tentou beliscá-la com o polegar e o indicador, tão perfeita era a ilusão, mas quando o fez a “borracha” dissolveu-se em ar, sem oferecer resistência.

Prosser fez um tsk-tsk de impaciência: — Não oferece resistência em ângulo reto à força. Isso é mecânica elementar. O homem nos controles gesticulava de novo.

— Passou de setenta! — exclamou Prosser.

— Estamos indo mais devagar agora. O ponto crítico é 83,42.

Pendurou-se da balaustrada e fez sinais com os pés e a perna esticada para os outros dois.

— Fiquem longe! Perigoso!

Então gritou: — Cuidado! O gerador está dando pinotes!

O brr-r-r elevara-se ao máximo e o homem do painel dos controles trabalhava freneticamente com seus botões e chaves. De dentro do coração de quartzo do gerador atômico central, a fosforecência vermelha e sombria dos átomos se chocando ficara perigosamente brilhante.

Houve uma interrupção no brr-r-r, um rugido reverberante e uma explosão de ar que jogou Orloff violentamente contra a parede.

Prosser correu para ele. Havia um corte acima do seu olho.

— Machucado? Não? Bom, bom! Esperava algo assim. Devia ter avisado. Vamos descer. Onde está Birnam?

O ganimediano levantou seu comprido corpo do chão e sacudiu as roupas.

— Estou aqui. O que foi que estourou?

— Nada estourou. Alguma coisa desmoronou. Vamos, para baixo!

Tocou de leve na testa com um lenço e conduziu os dois homens para o nível inferior. O homem do painel retirou os fones, quando se aproximaram, e levantou-se do banco. Tinha um aspecto cansado e seu rosto, com manchas de sujeira, estava lustroso de suor.

— A maldita coisa começou a enguiçar a 82,8, chefe. Quase me pegou.

— Foi, não é? — resmundou Prosser. — Dentro dos limites do erro, não é? Como está o gerador? Ei, Stoddard!

O técnico que fora chamado respondeu do seu lugar em frente do gerador:

— O tubo cinco morreu. Levará dois dias para ser substituído.

Prosser virou-se, com ar satisfeito.

— Funcionou — disse. — Tudo foi como esperado. Problema resolvido, cavalheiros. Aborrecimentos terminaram. Voltemos ao meu gabinete. Quero comer.

Depois quero dormir.

Não tocou no assunto novamente até estar atrás de sua mesa de trabalho mais uma vez e então falou, entre grandes mordidas de um sanduíche de fígado com cebolas.

Dirigiu-se a Birnam: — Lembra-se do trabalho na tensão do espaço em junho passado? Foi um fracasso, mas continuei trabalhando. Finch conseguiu uma pista na semana passada e eu a desenvolvi. Tudo se ajustou perfeitamente. Tudo certinho. Nunca vi nada igual.

— Continue — disse Birnam calmamente.

Conhecia Prosser o suficiente para demonstrar alguma impaciência.

— Viram o que aconteceu. Quando um campo passa dos 83,42 milímetros, tornase instável. O espaço não agüentar. a tensão. Entra em colapso e o campo estoura. Buum!

Birnam ficou de boca aberta e os braços da cadeira de Orloff rangeram com a súbita pressão.

Houve um curto silêncio e então Birnam disse vacilando: — O senhor quer dizer que campos de força mais fortes do que isso são impossíveis?

— São possíveis. Podem ser criados. Mas, quanto mais densos forem, mais instáveis serão. Se tivesse ligado o campo de duzentos e cinqüenta milímetros teria durado um décimo de segundo. Então, bumba!

Teria explodido a Estação! E eu também! Um técnico o teria feito. O cientista é advertido pela teoria. Ele trabalha com cuidado, como eu fiz.

Não houve nenhum dano.

Orloff enfiou o monóculo no bolso do colete e disse, trêmulo: — Mas, se um campo de força é a mesma coisa que forças interatômicas, por que é que o aço tem uma coesão interatômica tão forte sem que o seu espaço entre em colapso? Aí há uma falha.

Prosser olhou-o irritado. — Não há nenhuma falha. A força crítica depende do número de geradores. No aço, cada átomo é um gerador de campo de força. Isso significa cerca de trezentos bilhões de trilhões de geradores para cada vinte e oito gramas de matéria. Se é que poderíamos utilizar tantos… Entretanto, cem geradores seria o limite prático. Isso só

elevaria o ponto crítico para noventa e sete ou por aí.

Ficou de pé e continuou com súbito fervor: — Não, o problema acabou. Estou lhes dizendo. É absolutamente impossível criar um campo de força capaz de conter a atmosfera da Terra por mais de um centésimo de segundo. A atmosfera jupiteriana está fora de cogitação. Os dados frios o atestam; fundados na experiência. O espaço não suportará!

Deixem os jupiterianos tentar quanto quiserem. Não podem sair! Isso é conclusivo!

Isso é a última palavra. A última palavra!

Orloff disse: — Sr. Secretário, posso mandar um espaçograma de algum lugar daqui da Estação? Quero dizer à Terra que estou voltando pela próxima nave e que o problema de Júpiter está liquidado; inteira e definitivamente liquidado.

Birnam não comentou nada, mas o alívio estampado em seu rosto, quando apertava as mãos do Comissário Colonial, transfigurava sua feiura descarnada de um modo inacreditável.

E o Dr. Prosser repetia, com movimentos curtos da cabeça, como um passarinho:

— Isso é a última palavra!

Hal Tuttle levantou os olhos quando o Capitão Everett, da espaçonave Transparente, a mais nova nave das Linhas Cometa do Espaço, entrou na sua sala particular de observações no nariz da nave.

— Um espaçograma acaba de chegar às minhas mãos, dos escritórios domésticos em Tucson — disse o capitão.

— Temos que apanhar o Comissário Colonial Orloff em Jovópolis, Ganimedes, e levá-lo de volta a Terra.

— Boa. Não avistamos nenhuma nave?

— Não, não! Estamos bem longe das rotas regulares do espaço. A primeira coisa que o Sistema saberá de nós será a aterrissagem da Transparente em Ganimedes. Será a maior coisa no que se refere às viagens espaciais desde que se fez a primeira viagem à Lua. — Sua voz abrandou-se subitamente.

— O que há de errado, Hal? Este é o seu triunfo, afinal de contas.

Hal Tuttle levantou os olhos e olhou para a escuridão do espaço.

— Acho que sim. Dez anos de trabalho, Sam. Perdi um braço e um olho naquela primeira explosão, mas não me arrependo. Acontece é que a reação me pegou. O problema está resolvido; o trabalho de minha vida acabou…

— E também cada nave de casco de aço do Sistema.

Tuttle sorriu. — Sim. É difícil de acreditar, não é?

Fez um gesto que abrangia todo o espaço.

— Vê as estrelas? Parte do tempo não há nada entre elas e nós.

Isso nos dá uma sensação esquisita.

Sua voz tornou-se sombria: — Nove anos trabalhei para nada. Não sou um teórico e, na realidade, nunca soube para onde rumava; simplesmente, tentei tudo. Tentei um pouco demais e o espaço não perdoou. Paguei com um braço e um olho e comecei tudo de novo.

O Capitão Everett fechou o punho e bateu contra o casco — o casco através do qual as

estrelas brilhavam sem obstáculos.

Ouviu-se um som surdo abafado de carne batendo contra uma superfície resistente — mas a parede continuava invisível.

Tuttle sacudiu a cabeça.

— É bem sólida agora — embora se apague e se acenda oitocentas mil vezes por segundo. Tirei a ideia da luz estroboscópica. Você conhece as lâmpadas — elas se acendem e se apagam com tanta rapidez que nos dão a impressão de iluminação ininterrupta. E é assim que acontece com o casco da nave. O período em que está ligada não é suficiente para fazer o espaço entrar em colapso. Não fica desligada o bastante para permitir um vazamento apreciável da atmosfera. E o efeito total é uma força maior do que a do aço.

Fez uma pausa e lentamente acrescentou: — E não há meios de dizer até que ponto podemos chegar. Acelere-se o efeito intermitente.

Faça-se o campo ligar e desligar milhões de vezes por segundo — bilhões de vezes. Conseguirá campos suficientemente fortes para conter uma explosão atômica. O trabalho de minha vida!

O Capitão Everett bateu no ombro do outro.

— Saí dessa, homem. Pense na aterrissagem em Ganimedes. Que diabo! Será uma boa publicidade. Pense na cara de Orloff, por exemplo, quando ele souber que será o primeiro passageiro da história a viajar numa espaçonave com um casco de campo de força. Como pensa que ele vai se sentir?

Hal Tuttle deu de ombros e respondeu: — Imagino que ele vai ficar muito contente!

Imagem especular

Isaac Asimov

As Três Leis da Robótica:

1. Um robô não deve fazer mal a um ser humano ou, por inação, permitir que um ser humano sofra qualquer mal.

2. Um robô deve obedecer a qualquer ordem dada por um ser humano, desde que essa ordem não interfira com a execução da Primeira Lei.

3. Um robô deve proteger a sua existência desde que esta proteção não interfira com a Primeira e Segunda Leis.

Elijah Baley acabara de decidir-se a acender o seu cachimbo, quando a porta de seu escritório abriu-se sem nenhuma batida preliminar ou anúncio de qualquer espécie.

Baley ergueu o olhar, pronunciadamente aborrecido, e então deixou cair o cachimbo. Já era muito revelador de seu estado de espírito o fato de tê-lo deixado onde caíra.

— R. Daneel Olivaw! — disse ele numa espécie de entusiasmo perplexo.

— Por Jehoshaphaf! É você mesmo, não é?

— Absolutamente certo — disse o recém-chegado, alto e bronzeado, suas feições regulares não estremecendo por um só momento, em sua costumeira calma.

— Lamento surpreendê-lo por entrar sem avisar, mas a situação é delicada, e deve haver o mínimo envolvimento possível por parte de homens e robôs, mesmo neste lugar.

De qualquer modo, gostei de vê-lo de novo, meu amigo Elijah.

E o robô estendeu sua mão direita num gesto tão humano quanto era sua aparência.

Baley é que parecia tão desumanizado por seu assombro, que ficou olhando para a mão com uma momentânea falta de intelecção. Mas então a agarrou com as duas mãos, sentindo sua cálida firmeza.

— Mas, Daneel, por quê? Você é bem-vindo a qualquer momento, mas… o que é essa situação tão delicada? Estamos em dificuldades de novo? A Terra, quero dizer?

— Não, amigo Elijah, não se trata da Terra. A situação à qual me refiro como delicada é, pelas aparências, uma coisa pequena. Uma disputa entre matemáticos, nada mais. E como por acaso estávamos, bem acidentalmente, à distância de um Salto fácil da Terra…

— Essa disputa teve lugar a bordo de uma espaçonave, então?

— Sim, de fato. Uma pequena disputa, se bem que para os humanos nela envolvidos, estupendamente grande.

Baley nada conseguiu fazer, senão sorrir.

— Não me surpreendo que você ache os humanos meio estúpidos.

Eles não obedecem às Três Leis.

— Isso é, realmente, uma deficiência — disse R. Daneel, grave —, e acho que os próprios humanos ficam desorientados com os humanos. Pode ser que você se surpreenda menos por haver tantos humanos a mais na Terra que nos outros mundos do espaço. Se for assim, o que acredito que seja, então você poderia nos ajudar.

R. Daneel fez uma pausa momentânea e então disse, talvez um pouquinho depressa demais: — E no entanto, há regras do comportamento humano que aprendi. Parece, por exemplo, que fui deficiente, segundo a etiqueta, pelos padrões humanos, em não perguntar por sua esposa e seu filho.

— Eles estão indo bem, O menino está no colégio, e Jessie está envolvida com a política local. Quanto às amenidades, já as tratamos; agora, diga-me por que veio aqui.

— Como disse, estávamos à distância de um pequeno Salto da Terra, e assim, sugeri ao capitão que o consultássemos.

— E o capitão concordou? — Baley teve uma súbita visão do orgulhoso e autocrático capitão de uma nave estelar consentindo em fazer um pouso na Terra — justo neste, de todos os mundos — e consultar um terráqueo — dentre todos os povos.

— Acredito que ele estava numa posição tal que concordaria com qualquer coisa.

Ademais, elogiei você altamente, se bem que, para falar a verdade, falei só a verdade. Por fim, concordei em conduzir todas as negociações, de modo que ninguém da tripulação, ou passageiros, precisasse entrar em nenhuma das cidades humanas.

— Nem conversar com nenhum terráqueo, claro. Mas, o que aconteceu?

— Os passageiros da espaçonave Eta Carina incluem dois matemáticos que estão de viagem para Aurora para presenciarem uma conferência interstelar de neurobiofísica.

— Sobre estes matemáticos, Alfred Bani-Humboldt e Gennao Sabbat; eles são o centro das disputas. Quem sabe, amigo Elijah, se já não ouviu falar de um deles, ou de ambos?

— Nenhum deles — respondeu Baley, firmemente.

— Nada sei de matemática. Olhe, Daneel, por certo que não disse a ninguém que sou um aficcionado da matemática, ou…

— Não, absolutamente, amigo Elijah. Sei que você não é. Tampouco importa, pois que a natureza da matemática envolvida de modo algum é relevante para o ponto em questão.

— Então, continue. — Como nenhum dos dois homens é de seu conhecimento, amigo Elijah, deixe-me dizer-lhe que o dr. Humboldt está bem em sua vigésima sétima década… o que ia dizer, amigo Elijah?

— Nada, nada — disse Baley, irritado.

Meramente resmungara para si mesmo, mais ou menos incoerentemente, numa reação natural contra as vidas muito longas dos espaçonautas.

— E ele ainda está ativo, a despeito da idade? Na Terra, os matemáticos, depois dos trinta, mais ou menos…

Daneel respondeu, calmamente: — O dr. Humboldt é um dos três maiores matemáticos, por uma reputação há muito estabelecida, em toda a galáxia. Por certo que ele ainda está ativo. O dr. Sabbat, por outro lado, é bem jovem, ainda não chegou aos cinqüenta, mas já se estabeleceu como o mais notável novo talento nos ramos mais abstrusos da matemática.

— São ambos grandes, então. — Baley lembrou-se de seu cachimbo e o apanhou.

Decidiu que não fazia sentido acendê-lo agora, e sacudiu seus restos de fumo.

— Que aconteceu? Um assassinato? Será que um deles matou o outro?

— Destes dois homens de grande reputação, um está tentando destruir a do outro.

Pelos valores humanos, creio que isso pode ser visto como pior que o assassínio físico.

— Por vezes, sim, eu suponho. Qual está tentando destruir o outro?

— Ora, isso, meu amigo Elijah, é precisamente a questão. Qual?

— Continue. — O dr. Humboldt contou a história claramente. Pouco antes de subir a bordo da espaçonave, teve uma intuição de um possível método para analisar as trajetórias neurais a partir de alterações nos padrões de absorção de microondas em áreas corticais localizadas. A tal intuição foi uma pura técnica matemática de extraordinária sutileza, mas eu não posso, é claro, entendê-lo ou transmitir os pormenores de maneira simples. Isto, porém, não importa. O dr. Humboldt considerou a questão e a cada hora foi ficando mais convencido de que tinha algo revolucionário em mãos, algo que apequenaria todos os seus feitos anteriores em matemática. Então descobriu que o dr. Sabbat estava a bordo.

— Ah! E ele tentou discutir a tese com o jovem Sabbat?

— Exatamente. Os dois já tinham se encontrado em conferências profissionais antes e conheciam-se bem, de reputação. Humboldt. entrou em grande detalhe com Sabbat. Sabbat apoiou inteiramente a análise de Humboldt e foi irrestrito em elogiar a importância da descoberta. Animado e confiante com isto, Humboldt esboçou um artigo sumariando seu trabalho e, dois dias depois, preparou-o para transmissão subetérica aos presidentes da conferência em Aurora, para que pudesse oficialmente estabelecer sua prioridade e fazer arranjos para uma possível discussão antes que as sessões fossem fechadas. Para sua surpresa, descobriu que Sabbat já tinha pronto um artigo de sua autoria, essencialmente o mesmo que de Humboldt, e Sabbat também o estava preparando para subeterizar para Aurora.

— Suponho que Humboldt ficou furioso.

— Muito.

— E Sabbat? O que disse?

— Precisamente o mesmo que Humboldt. Palavra por palavra.

— Então, qual é o problema?

— Nenhum, exceto pela imagem especular, a troca dos nomes. De acordo com

Sabbat, foi ele que teve a intuição, e foi ele que consultou Humboldt; foi Humboldt que concordou com a análise e a elogiou.

— Então cada um alega que a ideia é dele, e que o outro a roubou. Não soa para mim como um problema, de modo algum. Em questões acadêmicas, pareceria apenas necessário dispor dos registros de pesquisa, datados e com as iniciais. O julgamento sobre a prioridade poderia ser feito a partir daí. Mesmo que um trabalho seja falsificado, pode ser descoberto através de suas inconsistências internas.

— Ordinariamente, amigo Elijah, isso estaria certo, mas trata-se de matemática, e não de uma ciência experimental. O dr. Humboldt alega ter elaborado as partes essenciais mentalmente. Nada foi posto por escrito até o artigo ser preparado. O dr. Sabbat, é claro, alega precisamente a mesma coisa.

— Bem, então seja mais drástico e dispense essa parte. Sujeite cada um a uma sonda psíquica e descubra qual dos dois está mentindo.

R. Daneel abanou a cabeça, lentamente. — Amigo Elijah, não está entendendo esses homens. Ambos são de alto nível e escolaridade, “Fellows” da Academia Imperial.

Como tais, não podem ser sujeitos a julgamento da conduta profissional, exceto por um júri de seus iguais — seus iguais profissionais — a menos que eles voluntariamente, e pessoalmente, renunciem a esse direito.

— Apresente-lhes essa alternativa, então. O culpado não desejará renunciar a esse

direito, pois não poderá defrontar-se com a sonda psíquica. O inocente renunciará de imediato. Nem mesmo precisarão usar a sonda.

— Isso não funcionará, amigo. Renunciar a esse direito num tal caso — Ser investigado por leigos — é um golpe sério, e talvez irrecuperável para o prestígio. Ambos recusam-se inamovivelmente a renunciar ao direito a um tribunal especial, por uma questão de orgulho. A questão de culpa ou inocência é bem secundária.

— Nesse caso, deixe as coisas como estão, por hora. Deixe o assunto no gelo até chegarem em Aurora. Na conferência neurobiofísica haverá um grande número de iguais a eles, e então…

— Isso significaria um forte golpe para a própria ciência, pois ambos sofreriam, sendo instrumentos de um escândalo. Mesmo o inocente seria acusado de ter tomado parte numa situação tão desagradável. Sentir-se-ia que o assunto deveria ser resolvido fora de um tribunal, a qualquer custo.

— Está bem; não sou um espaçonauta, mas procurarei imaginar que esta atitude faz sentido. O que os homens em questão dizem?

— Humboldt concorda com tudo. Diz que se Sabbat admitir ter roubado a ideia e permitir que Humboldt continue com a transmissão do artigo, ou pelo menos o entregue na conferência, não fará nenhuma acusação. O erro de Sabbat ficará em silêncio, no que depender dele; e, é claro, com o capitão, que é o único outro humano a tomar parte na disputa.

— Mas o jovem Sabbat não concorda?

— Ao contrário, concordou com o dr. Humboldt até o último detalhe — com a devida reversão dos nomes. Ainda uma imagem especular.

— Então eles só ficam parados, empatados?

— Cada um, acredito, está esperando que o outro desista e admita a culpa.

— Ora, então espere.

— O capitão decidiu que isto não poderá ser feito. Há duas alternativas a esperar, veja só. A primeira é que ambos continuem em sua teimosia, de modo que quando a espaçonave pousar em Aurora, o escândalo intelectual virá à tona. O capitão, que é o responsável pela justiça a bordo, cairá em desgraça por não ter sido capaz de resolver o assunto silenciosamente, e para ele, isto é intolerável.

— E a segunda alternativa?

— Que um ou outro dos matemáticos de fato admita ter cometido um erro. Mas o que

confessar, tê-lo-á feito por culpa real, ou por um nobre desejo de evitar qualquer escândalo? Seria direito privar do crédito alguém que é ético o suficiente que prefira perder um crédito do que ver toda a ciência sofrer? Ou mais, o culpado confessará no último momento, de tal modo a fazer parecer que o faz apenas em benefício da ciência, assim escapando à desgraça de sua ação e lançando sua sombra sobre o outro. O capitão será o único a saber de tudo isto, mas ele não quer passar o resto de sua vida pensando que tomou parte num grosseiro erro judiciário.

Baley suspirou.

— Um jogo de frango intelectual. Quem vai quebrar o ossinho primeiro, à medida que Aurora vai ficando cada vez mais perto? Essa toda a história?

— Ainda não; há testemunhas da transação.

— Por Jehoshaphaf! Por que não falou logo? Que testemunhas?

— O criado pessoal do dr. Humboldt…

— Um robô, eu suponho.

— Sim, por certo. Chama-se R. Preston. Este servo, P Preston, esteve presente durante

a conferência inicial e apóia o dr. Humboldt em cada detalhe.

— Você quer dizer que ele diz que a ideia era do dr. desde o início, e que o dr.

Humboldt a descreveu ao dr. Sabbat, o dr. Sabbat elogiou a ideia, e assim por diante?

— Sim, em todo pormenor.

— Percebo. Isso resolve o assunto ou não? Presumivelmente não.

— Isso mesmo. Não resolve o assunto, pois há uma segunda testemunha. O dr.

Sabbat também tem um criado pessoal, R. Idda, outro robô, que por coincidência é do mesmo modelo que R. Preston, segundo creio, feito no mesmo ano na mesma fábrica.

Ambos têm estado em serviço pelo mesmo período.

— Uma estranha coincidência — muito estranha. — Um fato, e receio que torna

difícil chegar a qualquer conclusão baseado nas diferenças óbvias entre os dois servos.

— R. Idda então conta a mesma história que R. Preston?

— Precisamente a mesma história, a imagem especular, mas com a troca dos nomes.

— R. Idda então disse que o jovem Sabbat, o que ainda não tem cinqüenta — Elijah Baley não tirou totalmente o tom sardônico de sua voz; ele mesmo ainda não tinha cinqüenta e sentia-se longe de ser jovem — teve a ideia, para começar; descreveu-a ao dr.

Humboldt, que a elogiou em altos brados, e etcétera.

— Sim, meu amigo Elijah.

— E um robô está mentindo, então o que parece.

— Imagino ser fácil dizer qual. Creio que mesmo um exame superficial por um bom roboticista…

— Um roboticista não é suficiente neste caso, amigo Elijah. Só um robopsicólogo qualificado teria o peso e a experiência suficientes para tomar uma decisão num caso dessa monta. Não há nenhum com essa qualificação a bordo da nave. Tal exame só poderia ser feito quando atingíssemos Aurora…

— E a essa altura, a lama já chegou no ventilador. Bem, você está aqui na Terra.

Podemos caçar um robopsicólogo, e certamente qualquer coisa que aconteça na Terra nunca chegará aos ouvidos de Aurora e não haverá escândalo.

— Exceto que nem o dr. Humboldt nem o dr. Sabbat permitirão que seus criados sejam examinados por um robopsicólogo da Terra. O terráqueo teria de… — E fez uma pausa.

Elijah Baley completou, estolidamente: — Ele teria de tocar o robô.

— Esses criados são antigos, bem cuidados…

— E não devem ser contaminados pelo toque de um terráqueo.

Então para que vocês me querem, raios! — Interrompeu-se, carrancudo.

— Lamento, R. Daneel, mas não vejo nenhuma razão pela qual você devesse me envolver nisto.

— Eu estava a bordo numa missão totalmente irrelevante para o problema em questão. O capitão recorreu a mim porque ele precisava recorrer a alguém. Pareci humano o bastante para que conversasse comigo, e robô o bastante para ser um receptáculo seguro para confidências. Contou-me toda a história e perguntou-me o que eu faria.

Percebi que o Salto seguinte nos traria tão facilmente á Terra quanto ao nosso objetivo. Disse isso ao capitão, muito embora estivesse tão desorientado quanto ele para resolver o problema do espelho, mas havia alguém na Terra que poderia ajudar.

— Jehoshaphaf! — murmurou Baley, sem fôlego.

— Considere, amigo Elijah, que se tiver sucesso em resolver este enigma, faria bem à sua carreira, e a própria Terra poderia se beneficiar disto. A questão não poderia ter publicidade, é claro, mas o capitão é homem de alguma influência, em seu planeta natal, e ficar-lhe-ia grato.

— Só serve para me pressionar mais ainda.

— Tenho toda confiança que você terá alguma ideia sobre o procedimento a seguir.

— Mesmo? Suponho que o procedimento óbvio é entrevistar os dois matemáticos, um dos quais pareceria ser um ladrão.

— Creio, amigo, que nenhum virá à cidade. Nem nenhum gostaria que você fosse até ele. — E não há maneira de forçar um espaçonauta a ter contato com um terráqueo, não importa qual a emergência.

— Sim, entendo isso, Daneel… mas eu estava pensando numa entrevista por televisão em circuito fechado.

— Tampouco isso. Eles não se submeterão a um interrogatório por um terráqueo.

— Então.., o que querem de mim? Posso falar com os robôs?

— Não querem deixar os robôs virem aqui, também.

— Por Jehoshaphaf, Dannel! Você veio aqui.

— Essa foi decisão unicamente minha. Tenho permissão, enquanto a bordo, de tomar decisões dessa espécie sem veto do ser humano, exceto o próprio capitão, e ele estava ansioso por estabelecer esse contato. Eu, como o conhecia, decidi que o contato por televisão seria insuficiente. Queria apertar sua mão.

Elijah Baley amoleceu. — Gostei disso, Daneel, mas ainda honestamente gostaria que não tivesse pensado em mim neste caso.

Posso falar com os robôs pela televisão, ao menos?

— Isso, eu acho, pode ser arranjado.

— Já é alguma coisa, pelo menos. Isso significa que estarei fazendo o trabalho de um robopsicólogo rudimentar.

— Mas você, amigo Elijah, é um detetive, e não um robopsicólogo.

— Bem, deixe isso pra lá. Agora, antes que eu os veja, vamos raciocinar um pouco. Diga-me: é possível que ambos os robôs estejam falando a verdade? Talvez a conversação entre os dois matemáticos tenha sido equívoca. Talvez fosse de tal natureza que cada robô honestamente poderia acreditar que seu próprio senhor fosse proprietário da ideia. Ou talvez um robô ouviu só parte da discussão e o outro, uma outra parte, de modo que cada um pudesse supor que o seu senhor fosse proprietário da ideia.

— Isso é um tanto impossível, amigo. Ambos os robôs repetem a mesma conversação, de maneira idêntica. E as duas repetições são fundamentalmente inconsistentes.

— Então é absolutamente certo que um dos robôs está mentindo?

— Sim.

— Posso ver a transcrição de todas as evidências dadas até agora na presença do capitão, se eu quiser?

— Achei que você perguntaria isso, e trouxe uma cópia comigo.

— Uma verdadeira bênção. Os robôs tiveram seus depoimentos cruzados, e isto foi incluído na transcrição?

— Os robôs meramente repetiram suas histórias. Um interrogatório cruzado só poderia ser conduzido por robopsicólogos.

— Ou por mim?

— Você é um detetive, amigo Elijah, não um…

— Está bem, R. Daneel. Tentarei entender bem a psicologia do espaçonauta. Um detetive pode fazê-lo porque não é um robopsicólogo. Vamos pensar ainda mais um pouco. Ordinariamente, um robô não mente, mas pode fazê-lo para manter as Três Leis.

Pode mentir para proteger, de maneira legítima, sua própria existência, de acordo com a Terceira Lei. Está mais apto a mentir, se necessário, para obedecer a uma ordem legítima que lhe seja dada por um humano, de acordo com a Segunda Lei. Estará tanto mais apto a mentir se isso for necessário para salvar uma vida humana, ou evitar que seja causado dano, de acordo com a Primeira Lei.

— Sim.

— E, nesse caso, cada robô estaria defendendo a reputação profissional de seu senhor, e mentiria se assim fosse necessário. Sob estas circunstâncias, a reputação profissional seria quase o equivalente à vida, e poderia haver uma emergência quase da Primeira Lei para forçar a mentira.

— Mas, pela mentira, cada criado estaria ferindo a reputação profissional do senhor do outro, amigo Elijah.

— Isso mesmo, mas cada robô pode ter um conceito melhor da reputação de seu próprio senhor, e honestamente considerá-la maior que a do outro. O menor dano seria causado por sua mentira, ele suporia, do que pela verdade. Tendo dito, Elijah Baley permaneceu quieto por um momento.

— Está bem, então pode fazer com que eu possa falar com um dos robôs; com R.

Idda primeiro, acho?

— O robô do dr. Sabbat?

— Sim — respondeu Baley, secamente —, o robô do rapazinho.

— Vai levar só alguns minutos. Tenho um micro-receptor equipado com um projetor. Só preciso de uma parede branca e acho que esta aqui serve, se me ajudar a remover algumas destas estantes de filmes.

— Vá em frente. Precisarei falar num microfone de alguma espécie?

— Não; poderá falar normalmente. Por favor, perdoe-me, amigo, por mais um momento de espera. Terei de entrar em contato com a nave e arranjar a entrevista com R.

Idda.

— Se levar algum tempo, Daneel, que tal me dar o material transcrito da evidência obtida até agora?

Elijah Baley acendeu seu cachimbo enquanto R. Daneel montava o equipamento, e folheava o calhamaço que recebera.

Os minutos passaram e R. Daneel disse: — Se está pronto, amigo, R. Idda também está. Ou quer mais alguns minutos com a transcrição?

— Não — suspirou Baley.

— Não estou aprendendo nada de novo. Faça a ligação, e providencie para que a entrevista seja gravada e transcrita.

R. Idda, irreal em sua projeção bidimensional contra a parede, era de estrutura basicamente metálica — não a criatura humanoide que era R. Daneel. Seu corpo era alto, mas troncudo, e havia muito pouco que o distinguisse dos muitos robôs que Baley já vira,

exceto por minúcias estruturais.

Baley disse: — Saudações, R. Idda.

— Saudações, senhor — respondeu R. Idda, numa voz abafada que soou surpreendentemente humanoide.

— Você é o criado pessoal de Gennao Sabbat, não é?

— Sou, senhor.

— Há quanto tempo, rapaz?

— Há vinte e dois anos, senhor.

— E a reputação de seu senhor lhe é cara?

— Sim,senhor.

— Você acharia importante proteger essa reputação?

— Sim, senhor.

— Tão importante proteger sua reputação quanto proteger sua vida?

— Não, senhor.

— Tão importante proteger sua reputação quanto a reputação de outrem?

R. Idda hesitou.

— Tais casos devem ser decididos segundo seu mérito individual, senhor. Não há meio de se estabelecer uma regra geral.

Baley hesitou. Esses robôs espaçonautas eram mais melífluos e intelectualizados que os modelos terráqueos. Não tinha certeza de que poderia ser mais esperto que um deles.

— Se você decidisse que a reputação de seu senhor fosse mais importante que a de outro, digamos, que a de Alfred Barr Humboldt, você mentiria para proteger a reputação de seu senhor?

— Sim, senhor.

— Você mentiu em seu testemunho concernente a seu senhor em sua controvérsia com o dr. Humboldt?

— Não, senhor.

— Mas, se estivesse mentindo, negaria a mentira para proteger aquela mesma mentira, não é?

— Sim, senhor.

— Então, vamos considerar o seguinte: seu senhor, Gennao Sabbat, é um jovem de grande reputação na matemática, mas é apenas um rapaz. Se, nesta controvérsia com o dr.

Humboldt, tivesse sucumbido à tentação e agido sem ética, sofreria um certo eclipse de sua reputação, mas é jovem, e teria muito tempo para se recuperar. Teria muitos triunfos intelectuais á sua frente e os homens contemplariam eventualmente sua tentativa de plágio como um erro de um rapaz de sangue quente, com o discernimento ainda deficiente. Seria algo reparável para o futuro. Se, por outro lado, fosse o dr. Humboldt a sucumbir à tentação, a questão ficaria muito mais séria. Ele é um ancião, cujos grandes feitos já se espalharam ao longo de séculos. Sua reputação até hoje tem sido sem mácula.

Tudo isso, porém, seria esquecido à luz deste único crime em seus últimos anos, e não teria oportunidade de compensar no tempo comparativamente curto que lhe resta. Haveria pouco mais que ele pudesse realizar. Haveria para Humboldt tantos anos de trabalho arruinados e tantas oportunidades a menos para reconquistar sua posição! Você percebe, não, que Humboldt se defronta com a pior situação, e merece a maior consideração?

Houve uma longa pausa.

Então R. Idda disse, com a voz inalterada: — Meu testemunho foi mentiroso. Foi o trabalho do dr. Humboldt de que meu senhor tentou, erroneamente, tomar o crédito.

— Muito bem, meu rapaz. Você está instruído para não dizer nada a ninguém a respeito disto até que lhe seja dada permissão pelo capitão da nave. Está dispensado. A tela se apagou e Baley deu umas cachimbadas.

— Acha que o capitão escutou isso, Daneel?

— Estou certo que sim; ele é a única testemunha, além de nós.

— Bom. Agora, o outro.

— Mas há algum proveito nisso, amigo Elijah, em vista do que R.

Idda confessou?

— Claro que há; a confissão de R. Idda nada significa.

— Nada?

— Absolutamente nada. Apontei a situação do dr. Humboldt como a pior.

Naturalmente, se ele estava mentindo para proteger Sabbat, passaria a dizer a verdade, como de fato alegou que fez. Por outro lado, se estivesse dizendo a verdade passaria à mentira para proteger Humboldt. Ainda é o mesmo espelho, e em nada progredimos.

— Mas então, o que ganharíamos interrogando R. Preston?

— Nada, se a imagem especular fosse perfeita… mas não é. Afinal, um dos robôs está contando a verdade, para começar, e um está mentindo, para começar, e aqui está um ponto assimétrico. Deixe-me ver R. Preston. E se a transcrição do interrogatório de R.

Idda estiver terminada, deixe ver.

O projetor voltou a ser usado. R. Preston ficou olhando: idêntico a R. Idda, sob todos os aspectos, exceto por alguma trivialidade no desenho do peito.

— Saudações, R. Preston.

— E mantinha a transcrição de R. Idda à sua frente, enquanto falava.

— Saudações, senhor.

— Sua voz era idêntica à de R. Idda.

— Você é o criado pessoal de Alfred Barr Humboldt, não é?

— Sim, senhor.

— Há quanto tempo, rapaz?

— Há vinte e dois anos, senhor.

— E a reputação de seu senhor lhe é cara?

— Sim, senhor.

— Você acharia importante proteger essa reputação?

— Sim, senhor.

— Tão importante proteger sua reputação quanto proteger sua vida?

— Não, senhor.

— Tão importante proteger sua reputação quanto a reputação de outrem?

R. Preston hesitou.

— Tais casos devem ser decididos segundo seu mérito individual, senhor. Não há meio de se estabelecer uma regra geral.

— Se você decidisse que a reputação de seu senhor fosse mais importante que a de outro, digamos, que a de Gennao Sabbat, você mentiria para proteger a reputação de seu senhor?

— Sim, senhor.

— Você mentiu em seu testemunho concernente a seu senhor em sua controvérsia com o dr. Sabbat?

— Não, senhor.

— Mas, se estivesse mentindo, negaria a mentira para proteger aquela mesma mentira, não é?

— Sim, senhor.

— Então, vamos considerar o seguinte: seu senhor, Alfred Barr Humboldt, é um ancião de grande reputação na matemática, mas é apenas um velho. Se, nesta controvérsia com o dr. Sabbat, tivesse sucumbido à tentação e agido sem ética, sofreria um certo eclipse de sua reputação, mas sua idade avançada e seus séculos de realizações se imporiam, e ele ganharia. Os homens contemplariam esta tentativa de plágio como o engano de um velho talvez doente, com o discernimento já incerto. Se, por outro lado, fosse o dr. Sabbat a sucumbir á tentação, a questão seria muito mais séria. Ele é um jovem, com uma reputação muito menos segura. Ordinariamente, teria séculos á sua frente, ao longo dos quais poderia acumular conhecimento e realizar grandes feitos. Isto estaria fechado para ele, agora, obscurecido por um erro de sua juventude. Como vê, Sabbat se defronta com a pior situação, não é? Ele merece a maior consideração?

Houve uma longa pausa.

Então R. Preston disse, com a voz inalterada: — Meu testemunho foi como eu.

Neste ponto, interrompeu.se e não disse nada mais.

Baley disse: — Por favor, continue, R. Preston.

Não houve resposta. — Receio, amigo Elijah, que R. Preston esteja em estase. Está fora de funcionamento — disse R. Daneel.

— Bem, então — respondeu Baley — finalmente causamos uma assimetria. A partir daqui, podemos ver quem é o culpado.

— De que maneira?

— Pense só: suponha que você fosse uma pessoa que não tivesse cometido nenhum crime e que seu robô pessoal fosse testemunha dele.

Não haveria nada que você precisasse fazer. Seu robô diria a verdade e o apoiaria.

Se, porém, você fosse uma pessoa que tivesse cometido um crime, teria de depender de seu robô mentir. Esta posição seria um tanto arriscada, pois se o robô mentisse, se necessário, sua maior inclinação seria dizer a verdade, de modo que a mentira seria menos firme que a verdade. Para evitar isso, o criminoso provavelmente deveria ter ordenado que o robô mentisse. Destarte, a Primeira Lei sofreria reforço pela Segunda Lei, quiçá

substancialmente reforçada.

— Isso parece razoável — respondeu R. Daneel.

— Suponha que temos um robô de cada tipo. Um passaria da verdade, sem reforço, á mentira, e assim, depois de alguma hesitação, poderia fazê-lo sem problema sério. O outro robô passaria da mentira, com muito reforço, à verdade, mas só poderia fazê-lo com o risco de queimar várias trajetórias positrônicas de seu cérebro, e cair em estase.

— E como R. Preston caiu em estase…

— O senhor de R. Preston, o dr. Humboldt, é o culpado de plágio.

Se transmitir isto ao capitão, e instá-lo a confrontar o dr. Humboldt imediatamente com a questão, poderá forçar uma confissão. Caso em que você deverá me informar imediatamente.

— Certamente que o farei. Pode desculpar-me, amigo Elijah? Devo falar em particular com o capitão.

— Claro; use a sala de reuniões. É totalmente isolada.

Baley não conseguiu fazer trabalho de qualquer espécie, na ausência de R. Daneel.

Ficou sentado, num silêncio inquieto. Muito dependia do valor de sua análise, e estava agudamente cônscio de sua falta de competência em robótica.

R. Daneel estava de volta em meia hora, a meia hora mais longa na vida de Baley.

Não adiantava, é claro, tentar determinar o que acontecera pela expressão no rosto impassível do humanoide.

Baley tentou também manter seu rosto impassível. — Sim, R. Daneel?

— Precisamente como você disse, amigo Elijah. O dr. Humboldt confessou. Estava contando, disse, com a desistência do dr. Sabbat e deixando o dr. Humboldt ter seu último triunfo. A crise passou, e o senhor verá como o capitão pode ser agradecido. Ele deu-me permissão para dizer-lhe que admira grandemente a sua sutileza e creio que eu mesmo ganharei seus favores por ter sugerido que recorresse a você.

— Ótimo — disse Baley, joelhos trêmulos e a testa úmida, agora que sua decisão se mostrara a correta. Mas, por Jehoshaphaf, R. Daneel, não me coloque na fogueira de novo desse jeito, sim?

— Tentarei, caro amigo. Tudo dependerá, é claro, da importância de uma crise, de sua proximidade, e de certos outros fatores. Entrementes, tenho uma pergunta…

— Sim?

— Não seria possível supor que a passagem da mentira à verdade fosse fácil, ao passo que a passagem da verdade para a mentira fosse difícil? E, neste caso, o robô em estase não estaria passando da verdade à mentira, e como R. Preston ficou em estase, não se poderia tirar a conclusão de que o dr. Humboldt estava inocente e o dr. Sabbat, culpado?

— Sim, R. Daneel. Seria possível argumentar assim, mas foi o outro argumento que se mostrou verdadeiro. Humboldt confessou, não é?

— Sim; mas com os argumentos possíveis em ambos os sentidos, como você, meu amigo, tão rapidamente escolheu o certo? Por um momento, os lábios de Baley se retorceram. Então relaxou e eles se curvaram num sorriso.

— Porque, R. Daneel, levei em consideração as reações humanas, e não as robóticas. Sei mais sobre seres humanos do que sobre robôs.

Em outras palavras, eu já tinha uma ideia sobre qual dos matemáticos estava errado

antes de entrevistar os robôs. Uma vez que provoquei uma resposta assimétrica neles, simplesmente a interpretei colocando a culpa naquele de quem já desconfiava. A resposta do robô foi dramática o bastante para denunciar o culpado; minha análise do comportamento humano poderia não ter sido suficiente para fazê-lo.

— Estou curioso para saber qual foi a sua análise do comportamento humano.

— Por Jehoshaphaf, R. Daneel, pense, e não precisará perguntar.

Há um outro ponto de assimetria nessa história de imagem especular além da questão de verdade e mentira. Há a questão da idade dos dois matemáticos: um é bem velho, e o outro é jovem.

— Sim, é claro, mas e daí?

— Ora, isto: posso ver um jovem, subitamente atordoado com uma súbita, surpreendente e revolucionária ideia consultando-se sobre o assunto com um velho que ele teve, desde seus primeiros dias como estudante, como um semideus no campo. Mas não posso imaginar um velho, rico em honras e acostumado a triunfos, vir com uma súbita, surpreendente e revolucionária ideia, consultar um homem séculos mais jovem, a quem veria apenas como um frangote presunçoso — ou qualquer que seja o insulto em que um espacial pensaria. E também, se um rapaz tivesse a chance, por que tentaria roubar a ideia de um semideus reverenciado? Seria impensável. Por outro lado, um velho, consciente de suas forças declinantes, muito bem poderia agarrar-se a uma última chance de fama e considerar um rapaz em sua área sem os direitos que deveria respeitar. Em suma, não era concebível que Sabbat tivesse roubado a ideia de Humboldt, e de ambos os pontos de vista, o dr. Humboldt era culpado. R. Daneel refletiu longamente, e então estendeu sua mão:

— Preciso ir agora, amigo Elijah. Foi bom tê-lo visto. Oxalá possamos nos encontrar logo, de novo.

Baley agarrou a mão do robô, calorosamente: — Se não se importa, R. Daneel, não tão logo.

Isaac Asimov, por Isaac Asimov

Muito embora eu já tenha escrito mais de cento e vinte livros, sobre qualquer assunto, desde astronomia até Shakespeare, e de matemática até sátira, é provavelmente como escritor de ficção científica que sou melhor conhecido.

Comecei como escritor de ficção científica, e durante os primeiros onze anos de minha carreira literária escrevi apenas e tão-somente histórias de ficção científica, apenas para publicação em revistas — e por um pagamento escasso. A ideia de efetivamente publicar bons livros nunca passou por minha mente, em essência humilde.

Mas veio o tempo em que comecei a produzir livros, e então comecei a reunir o material que de início escrevi para revistas. Entre 1950 e 1969, dez coletâneas apareceram (todas publicadas pela Doubleday). Estas continham oitenta e cinco histórias (mais quatro peças de versos cômicos) originalmente destinados, e publicados, em revistas de ficção científica. Quase um quarto delas veio dos primeiros onze anos.

Para registro, estes livros são:

Eu, Robô 1950 I, Robot

Fundação 1951 Foundation

Fundação e Império 1952 Foundation And Empire

Segunda Fundação 1953 Second Foundation

Nós, os Marcianos 1955

The Martian Way, And Other Stories

A Terra é Espaço o Bastante 1957 Earth Is Room Enough

Nove Amanhãs 1959 Nine Tomorrows

O Resto Dos Robôs 1964 The Rest Of The Robots

Os Mistérios De Asimov 1968 Asimov’s Mysteries

O Cair Da Noite 1969 Nightfall And Other Stories

Pode-se argumentar que isto tenha sido bastante, mas com esta argumentação, omite-se o delirante apetite de meus leitores (abençoados sejam!). Estou constantemente recebendo cartas pedindo listas de histórias antigas, minhas, para que os missivistas possam revirar lojas de livros usados procurando revistas antigas. Há pessoas que preparam bibliografias de minha ficção científica (não perguntem a mim por que) e que querem saber todo o tipo de pormenores insignificantes a meu respeito. Até mesmo ficam irritados quando descobrem que algumas das primeiras histórias nunca foram vendidas.

Querem essas, também, aparentemente, e parecem pensar que eu negligentemente destruí uma fonte natural.

Assim, quando a Panther Books, da Inglaterra, e a Doubleday, sugeriram que eu fizesse uma coleta daquelas minhas primeiras histórias ainda não coligidas nos dez livros arrolados acima, não mais pude resistir. Todos que me encontraram sabem como sou sensível a elogios, e se você pensa que posso suportar este tipo de adulação por mais de meio segundo (numa estimativa grosseira), está totalmente errado.

Afortunadamente, tenho um diário, que tenho mantido desde 1º de janeiro de 1938 (o dia anterior a meu décimo oitavo aniversário); e que pode me dar datas e pormenores.

(ver nota 1)

Comecei a escrever quando era muito jovem — onze, creio. As razões são obscuras. Poderia dizer que foi o resultado de um impulso irracional, mas isto indicaria que apenas não poderia pensar em nenhuma razão.

Talvez foi porque eu era um leitor ávido numa família que era pobre demais para comprar livros, mesmo os mais baratos, além do que, uma família que considerava livros baratos, leitura inadequada. Eu precisava ir à biblioteca (meu primeiro cartão de biblioteca foi tirado para mim por meu pai, quando eu tinha seis anos de idade) e me permitia dois livros por semana.

Isto simplesmente não era suficiente, e minhas necessidades levaram-me a extremos. No começo de cada período letivo, avidamente lia todo livro escolar que era adotado, indo de capa a capa, como uma deflagração personificada. Como fui abençoado com uma memória tenaz e lembrança instantânea, era todo o estudo que eu tinha de fazer para aquele período letivo, mas eu já tinha acabado antes do fim da semana, e então, ler o quê?

Então, quando eu tinha onze anos, ocorreu-me que se eu escrevesse meus próprios livros, poderia relê-los a meu bel-prazer.

Nunca realmente escrevi um livro inteiro, claro. Eu começava um e continuava mexendo com ele até que me cansava e começava outro.

Todos estes escritos iniciais foram-se para sempre, embora ainda me lembre de alguns pormenores bem claramente.

Na primavera de 1934, fiz um curso especial de inglês dado na minha escola (“Boys’ High School, no Brooklyn, Nova Iorque), que enfatizava o aspecto da redação. O professor era também conselheiro da faculdade para a revista literária semestral feita pelos estudantes, e era intenção dele coletar material. Fiz aquele curso.

Foi uma experiência humilhante. Tinha catorze anos na época, catorze anos bastante imaturos e inocentes. Escrevia trivialidades, enquanto que todo mundo na classe (que eram dezesseis ao todo) escreviam peças sofisticadas, de tom trágico. Todos eles não faziam segredo de seu particular desprezo por mim, e não obstante eu me ressentisse disto amargamente, não havia nada que eu pudesse fazer.

Por um momento, pensei que os vencera, quando uma de; minhas produções foi aceita para a revista semestral, ao passo que muitas das deles foram rejeitadas.

Infelizmente, o professor contou-me, com uma rude insensibilidade, que a minha era a única apresentada que era humorística, e como ele precisava ter uma peça não-trágica, foi forçado a tomá-la.

Era chamada “Irmãozinhos” (“Little Brothers”), tratando do nascimento de meu próprio irmão mais novo, havia cinco anos, e foi minha primeira peça publicada. Suponho que pode ser localizada nos arquivos da “Boys’ High”, mas eu não a tenho.

Por vezes imagino o que aconteceu com todos aqueles grandes escritores trágicos da classe. Não me lembro de um só nome e não tenho intenção de jamais tentar descobrilos — mas por vezes, fico pensando.

Apenas em 29 de maio de 1937 (de acordo com uma data que, uma vez anotei — se bem que foi antes que começasse meu diário, de modo que não tenho certeza), que a vaga ideia ocorreu-me de escrever algo para publicação profissional; algo pelo que seria pago!

Naturalmente, teria que ser uma história de ficção científica, pois eu tinha sido um fanático da ficção científica desde 1929, e não reconhecia nenhuma outra forma de literatura que de qualquer modo fosse digna de meus esforços.

A história que comecei a compor para este fim, a primeira história que jamais escrevera com o fito de me tornar um “escritor”, era intitulada “Saca-rolha Cósmico”

(“Cosmic Corkscrew”).

Nela, eu via o tempo como uma hélice (isto é, algo como uma mola de cama).

Poder-se-ia cortá-la de uma volta diretamente para a próxima, assim movendo-se para o futuro por um exato intervalo, mas sendo incapaz de viajar um dia a menos no futuro.

Meu protagonista cortou o tempo e descobriu a Terra deserta. Toda a vida animal havia desaparecido; se bem que havia sinais de que a vida existira até muito tempo antes — e nenhuma indicação do que havia causado o desaparecimento. Era narrada na primeira pessoa, num asilo de loucos, porque o narrador, claro, fora colocado num hospício depois de voltar e tentar contar a história.

Escrevi apenas algumas páginas em 1937, então perdi o interesse, O mero fato de que tinha a publicação em mente, me paralisava.

Enquanto algo que eu escrevia destinava-se apenas para meus olhos, podia ficar despreocupado. O pensamento de outros possíveis leitores pesava grandemente sobre cada uma de minhas palavras. — Então abandonei o projeto.

Então, em maio de 1938, a mais importante revista no campo, Astounding Science Fiction, mudou seu prazo de publicação da terceira quarta-feira do mês para a quarta sexta-feira. Quando o número de junho não veio no seu dia de costume, fiquei deprimido.

A 17 de maio, não pude mais suportar, e tomei o metrô até o nº 79 da Sétima Avenida, onde a editora, Street & Smith Publications, inc, estava então localizada. Ali, um funcionário da firma informou-me da mudança de prazos, e a 19 de maio, chegou o número de junho. (ver nota 2)

A proximidade do desespero, e o alívio extático que se seguiu, reativaram meu desejo de escrever para publicação. Voltei a "Saca-rolha Cósmico", e a 19 de junho, estava acabado.

A questão seguinte era: o que fazer com ele. Não tinha a menor ideia do que se fazia com um manuscrito que se desejava publicar, e tampouco quem eu conhecia. Discuti o assunto com meu pai, cujo conhecimento do mundo real era pouco maior do que o meu, e ele também não fazia ideia.

Mas então ocorreu-me que, no mês anterior, eu tinha ido até o nº 79 da Sétima Avenida meramente para perguntar sobre a não-aparição de Astounding. Não havia me dado conta de ter feito isso. Por que não repetir a viagem, então, e levar o manuscrito em pessoa?

A ideia era assustadora. Tornou-se ainda mais assustadora, quando meu pai sugeriu que preliminares necessárias incluíam a barba feita e minha melhor roupa. Isto significava que eu teria que gastar um tempo adicional, e o dia já estava acabando e eu teria que estar de volta para fazer a entrega dos jornais vespertinos. (Meu pai tinha uma doceira e uma banca de jornais, e a vida era muito complicada naqueles dias para um escritor criativo e de inclinação artística e sensível como eu. Por exemplo, vivíamos num apartamento em que todos os quartos estavam alinhados, e o único modo de ir da sala de estar para o quarto de meus pais, ou de minha irmã, ou de meu irmão, era passando por meu quarto.

Meu quarto era freqüentemente passagem, e o fato de que eu poderia estar nas dores da criação, nada significava para ninguém.)

Cheguei a um meio-termo. Fiz a barba, mas não me incomodei em trocar de roupa, e lá fui eu. A data era 21 de junho, 1938.

Eu estava convencido de que, por ousar pedir para ver o editor de Astounding Science Fiction, eu seria atirado fora do edifício, e meu manuscrito seria picotado e jogado atrás de

mim, como confete. Meu pai, porém (que tinha ideais nobres) estava convencido de que um escritor — com o que ele significava qualquer um com um manuscrito — seria tratado com o respeito devido a um intelectual. Não tinha receios nenhum — mas era eu que ia entrar naquele edifício.

Tentando mascarar o pânico, pedi para ver o editor. A garota atrás da mesa (posso ver a cena agora com o olho de minha mente exatamente como ocorreu) falou brevemente ao telefone e disse: — “O sr. Campbell poderá vê-lo”.

Conduziu-me por uma sala grande, pomposa, cheia de grandes rolos de papel e enormes pilhas de revistas e permeada com o cheiro celestial de papel (cheiro que até hoje recorda minha juventude com dolorosa minúcia e reduzem-me a lágrimas de nostalgia). E ali, numa pequena sala do outro lado, estava o sr. Campbell.

John Wood Campbell Jr. estava trabalhando para Street &Smith já há um ano, e tomara o comando de Astounding Stories (que logo rebatizou como Astounding Science Fiction), havia quase dois meses.

Tinha então apenas vinte e oito anos. Sob seu próprio nome e seu pseudônimo, Don A. Stuart, era um dos mais famosos e altamente considerados autores de ficção científica, mas estava para enterrar sua reputação para sempre sob o renome muito maior que estava para ganhar como editor.

Deveria permanecer como editor de Astounding Science Fiction e de seu sucessor — “Analog Science Fact— Science Fiction por um terço de século. Durante todo esse tempo, ele e eu permanecemos amigos, mas por mais velho que eu ficasse, e por mais venerável e respeitável astro de nosso campo mútuo eu me tornasse, nunca me aproximei dele com nada senão o respeito que ele me inspirou na ocasião de nosso primeiro encontro.

Ele era um homem grande, e obstinado, que fumava e falava constantemente, e que apreciava, acima de tudo, a criação de ideias ultrajantes, com que agredia seu interlocutor, e desafiava-o a refutar. Era difícil refutar Campbell, mesmo quando suas ideias eram absoluta e loucamente ilógicas.

Conversamos por mais de uma hora, naquela primeira vez. Ele mostrou-me os próximos números da revista (números verdadeiramente futuros, já produzidos). Vi que ele publicara uma de minhas cartas no número seguinte, e outra no próximo — de modo que conhecia a genuinidade de meu interesse.

Contou-me a respeito dele mesmo, sobre seu pseudônimo e sobre as suas opiniões.

Contou-me que seu pai havia enviado um de seus manuscritos para Amazing Stories quando tinha dezessete anos, e que deveria ser publicado, mas a revista o perdeu, e ele não tinha cópia em carbono. (Neste ponto, fiz melhor do que ele. Trouxe a história eu mesmo, e tinha um carbono.) Também prometeu ler minha estória naquela noite, e enviaria uma carta, quer aceitando ou rejeitando, no dia seguinte. Prometeu também que em caso de rejeição, diria o que estava errado, de modo que eu pudesse me aperfeiçoar.

Cumpriu todas as promessas. Dois dias mais tarde, a 23 de junho, tive notícias dele. Era uma rejeição. (Como este livro trata de eventos reais, e não é uma fantasia — você não deve se surpreender se minha primeira história foi instantaneamente rejeitada.)

Eis o que eu disse no meu diário sobre a rejeição:

“As 9:30 recebi de volta o “Saca-rolha Cósmico”, com uma educada carta de rejeição. Ele não gostou do começo lento, e do suicídio no final.”

Campbell também não gostara da narrativa na primeira pessoa e do diálogo rígido, e também apontou que a extensão (nove mil palavras) era inconveniente — muito longo para um conto, e muito curto para uma novela. As revistas precisam ser montadas como quebra-cabeças, e certos comprimentos de contos eram mais convenientes que outros.

Por aquela época, porém, estava em plena euforia. A alegria de ter passado mais de uma hora com John Campbell, a emoção de conversar face a face em termos iguais com um ídolo, já tinha me enchido com a ambição de escrever outra história de ficção científica, melhor que a primeira, de modo que pudesse consultá-lo de novo. A agradável carta de rejeição — duas páginas inteiras — em que discutia minha história seriamente e sem traços de paternalismo ou desprezo, reforçou minha alegria. Antes de 23 de junho terminar, estava a meio caminho do primeiro esboço de outra história.

Muitos anos mais tarde, perguntei a Campbell (com quem, então, tinha travado grande amizade) por que ele havia se ocupado de mim, já que aquela primeira história era literalmente intragável.

“Realmente era”, disse, francamente, pois nunca adulava. “Por outro lado, eu vi algo em você. Você estava ansioso e escutava, e sabia que não desistiria, não importando quantas rejeições eu lhe desse.

Enquanto você estivesse desejoso de trabalhar duro e aperfeiçoar-se, eu estava pronto a trabalhar com você.”

E assim era John. Eu não era o único escritor, calouro ou veterano, com quem ele trabalhava deste modo. Pacientemente, e com sua enorme vitalidade e talento, construiu um corpo dos melhores escritores de ficção científica que o mundo tinha, até então, jamais visto.

O que aconteceu a “Saca-rolha Cósmico” depois disto, sinceramente, não me lembro. Abandonei-a e nunca a apresentei em nenhum outro lugar. De fato, não a rasguei e joguei fora; simplesmente repousou em alguma gaveta de escrivaninha, até que, eventualmente, a perdi de vista. Em qualquer caso, não mais existe.

Esta parece ser uma das principais fontes de desconforto entre os arquivistas — parecem pensar que a primeira história que escrevi para publicar, por pior que fosse, seria um importante documento. Tudo o que posso dizer, amigos, é que sinto muito, mas não havia modo de saber, em 1938, que minha primeira tentativa pudesse ter interesse histórico ai m dia. Posso ser um monstro de vaidade e arrogância, mas não sou tão monstruosamente vaidoso e arrogante.

Além do que, antes de terminar o mês, eu terminava minha segunda história, “Clandestino” (“Stowaway”), e estava concentrado nela.

Levei-a ao escritório de Campbell a 18 de.julho de 1938, e ele apenas demorou-se um pouquinho mais para devolvê-la, mas a rejeição veio a 22 de julho. Disse em meu diário, quanto à carta que a acompanhava: “… foi a rejeição mais simpática que se possa imaginar.

Realmente, a melhor coisa depois de ser aceita. Disse-me que a ideia era boa, e o enredo, passável. O diálogo e a movimentação, continuava, não eram rígidos e lentos (o que foi uma agradável surpresa para mim) e que não havia nenhum erro em particular, mas apenas um ar geral de amadorismo, constrangimento forçado. A história não se desenvolvia suavemente. Isto, ele disse, eu superaria assim que tivesse experiência suficiente. Assegurou-me que eu provavelmente estaria apto a vender minhas histórias, mas isto significava talvez trabalho de um ano e uma dúzia de histórias antes de começar realmente…"

Não é de surpreender que tal "carta de rejeição" mantivesse-me carregado com um enorme entusiasmo para escrever, e logo pus-me a trabalhar numa terceira história.

Além disso, eu estava suficientemente encorajado a tentar submeter "Clandestino"

a alguém mais. Naqueles dias, havia três revistas de ficção científica nas bancas.

Astounding era a aristocrata delas, mensal, com os cantos encurvados, e uma aparência de classe. As outras duas, Amazing Stories e Thrilling Wonder Stories eram um tanto mais primitivas na aparência e publicava histórias com mais ação e enredos menos sofisticados.

Enviei "Clandestino" a Thrilling Wonder Stories, que, porém, rejeitou-a prontamente a 9 de agosto de 1938 (com uma carta impressa).

A estas alturas, porém, eu estava profundamente engajado com minha terceira história, a qual, como veio a ser, estava fadada a se sair melhor— e mais depressa. Neste livro, no entanto, estou incluindo minhas histórias não na ordem de publicação, mas na de redação — que, presumo, é mais significativo do ponto de vista do desenvolvimento literário. Tratarei, portanto, de “Clandestino”.

No verão de 1939, no tempo em que obtive meus primeiros poucos sucessos, retomei a “Clandestino”, remodelei-o, e tentei Thrihing Wonder Stories de novo.

Indubitavelmente, eu tinha uma leve suspeita de que o novo lustro de meu nome faria com que lessem-no com uma atitude diferente do que havia sido o caso quando eu era completamente desconhecido. Estava completamente errado. Fui rejeitado de novo.

Então tentei Amazing, e, de novo, foi rejeitada.

Isto significaVa que a história tinha morrido, ou teria significado, se não fosse o fato de que a ficção científica estava entrando numa pequena expansão, ao aproximar-se o fim da década de 30. Novas revistas estavam sendo fundadas, e pelo fim de 1939, planos foram feitos para publicar uma revista a ser chamada Astonishing Stories que era vendida a dez centavos (Astounding custava vinte centavos o exemplar).

A nova revista, juntamente com uma revista-irmã, Super Science Stories, seria editada com grandes dificuldades por um jovem fã da ficção científica, Frederik Pohl, que estava completando vinte anos (era um mês mais velho do que eu) e que, desta forma, fazia sua entrada no que viria a ser uma marcante carreira profissional na ficção científica.

Pohl era um rapaz magro, de voz suave, com o cabelo já escasseando, um rosto solene, e seus dentes se projetavam ao sorrir, dando-lhe um aspecto de coelho. Os fatos econômicos de sua vida mantinham-no afastado da escola, mas ele era muito mais brilhante (e sabia disso) do que qualquer graduado que já encontrei.

Pohl era amigo meu (e ainda é) e talvez tenha feito mais para me ajudar a começar a minha carreira literária do que ninguém exceto, claro, o próprio Campbell. íamos juntos às reuniões do fã-clube. Ele tinha lido meus manuscritos e gostara deles — e agora precisava de histórias depressa — e a preço baixo para suas novas revistas.

Pediu para ver meus manuscritos de novo. Começou escolhendo uma de minhas histórias para seu primeiro número. A 17 de novembro de 1939, quase um ano e meio depois de “Clandestino” ter sido escrito, Pohl selecionou-a para inclui-lo em seu segundo número de Astonishing. Era um inveterado trocador de títulos, porém, e colocou “A Ameaça de Calisto” na história, e foi assim que foi publicada.

Notas 1- O diário começou com o tipo de coisa que um adolescente escreveria, mas logo degenerou num tom simples de registro literário. E, para qualquer um que não eu, literalmente entediante tanto, de fato, que deixo-o para quem quer que o queira ler.

Ninguém nunca lê mais do que duas paginas. Ocasionalmente alguém me pergunta se nunca senti que meu diário deveria registrar meus sentimentos mais íntimos, e emoções, e minha resposta é sempre “Não, nunca!” Afinar, para que ser um escritor se vou desperdiçar meus sentimentos e emoções mais íntimos num mero diário 2- Contei esta história com com alguma minúcia num artigo intitulado “Retrato do Escritor enquanto Rapaz”, incluído no Capítulo 17 de meu livro de ensaios, “Ciência, Números e EU”. Nele, confiando apenas na memória, disse que tinha chamado Street &

Smith ao telefone. Quando consultei meu diário para verificar as datas reais para este livro, fiquei surpreso ao descobrir que realmente havia feito a viagem de metrô — realmente uma aventura ousada para mim naqueles dias, e uma medida de meu desespero.